

# COO JORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE



## A COPA DA GLOBO

Nem a pressão do governo conseguiu romper o monopólio da Globo, que transformou a Copa do Mundo num gigantesco negócio. "A seleção pode perder, a Globo não", diz um de seus diretores.

Ministro é  
garoto  
propaganda

JAIR SOARES E OS  
CREDENCIAMENTOS

A crise que  
a imprensa  
escondeu

Josué revela:  
"Jango traiu  
Miguel Arraes"



**Diretor-Editor**  
Osmar Trindade

**Editores**

Antonio Manoel de Oliveira, Rafael Guimaraens, Luiz Eduardo Achutti (fotografia), e Edgar Vasques (arte).

**Participaram desta edição:**

Chico Caniel, Eduardo Bueno, Flávio Batistelli, Renato Canini, Elmar Bones, Delmar Marques, Milton Wells, Santiago e Lilian Bem David (edição gráfica).

**Endereço:** Rua Comendador Coruja, 371 - CEP 90.000 - Porto Alegre RS

**Assinaturas:** País - Cr\$ 1.900,00; América Latina - 100 dólares; demais países - 120 dólares.

**Números atrasados:** À venda somente a partir da edição nº 30, ao preço da última edição de banca. Os pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor ou cheque postal em nome da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Edição Mensal



**Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.**

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada em 24 de agosto de 1974, constituindo-se na primeira do gênero no país. A Cooperativa é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em Assembléia Geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital tem os mesmos direitos nas decisões da assembléia.

**ASSOCIADOS:**

Osmar B. Trindade (Presidente), Antonio M. de Oliveira (Vice-Presidente), Carlos Rafael Guimarães Filho (Secretário), Afonso Ritter, Carlos R. Dornelles, Danilo S. Ucha, Luiz Afonso Franz, Marcelo Oscar Lopes, Clarice D. Aquistapace, Jorge A. Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel A. Canabarro e Tomás I. Pereira (Conselheiros de Administração); Eduardo A. Tavares, Francisco Daniel L. da Silva, Roberto D'Azevedo, Flávio S. Schubert, Elaine L. Lerner, Remi A. Balasso (Conselheiros Fiscais); Daniel de Andrade Simões, Edgar L. Vasques da Silva, Fernando A. Goulart, João Batista Aveline, João Borges de Souza, Jorge F. Gallina, José A. Pinheiro Machado, Juarez A. Fonseca, Luiz Carlos Merten, e Valdir da Silva (Conselheiros de Edição); Acari Amorim, Adalberto Correa de Lemos, Adélia Y. Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Ademir T. Fontoura, Adriano Lopes de Oliveira, Adroaldo B. Correa, Afonso R. Licks, Agnese Schiffino, Airtom Müller, Alberto André, Alberto H. Blum, Alberto M. Figueiras, Alceu M. Nogueira, Aida S. Souza, Afonso Abraham Llerene, Alfredo C. Fedrizzi, Alice I. Urbim, Amaro Dornelles, Amauri M. Mello, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana M. Riviello, Ana Maria Smidt, André Jockymann, Ângela Riccardi, Ângela Santangelo, Ângelo R. Dias da Silva, Anibal C. Bendati, Anilson G. da Costa, Anna Maria T. Magalhães, Antonio A. de Oliveira, Antonio Brito Filho, Antonio C. Esteves, Antonio C. Paulino, Antonio F. Gonzales, Antonio I. Dreon Peres, Antonio Vargas, Antonio R. Teixeira Júnior, Ari S. Teixeira, Ariosto A. Teixeira, Armando Burd, Armando Sobral Rollemberg, Armindo A. Ranzolin, Arthur T. Monteiro, Artur P. da Silva, Artur S. Poester, Ataides L. Miranda da Silva, Augustinho M. Licks, Avani Maenfeld, Ayrtom Kanitz, Ayrtom J. Centeno, Beatriz M. Rosa, Beatriz S. Polydoro, Benigno Rocha, Bernardete S. Viana, Bernardete D. Schmitt, Bruno A. Ferreira, Cláudio A. Cruz, Carla I. Irigaray, Carlos Alberto Kolecza, Carlos A. Maya Frust, Carlos Alberto Sardenberg, Carlos Alexandre G. Castro, Carlos Alfredo S. Silva, Carlos A. Muller, Carlos E. Athanasio, Carlos F. Karnas, Carlos Frederico Mendz, Carlos Gerbase, Carlos H. Bastos, Carlos M. Feliberg, Carlos M. Urbim, Carlos Mossmann, Carlos Rafael Guimaraens, Carlos R. Silveira, Carmem R. Cagno, Carmem S. Rial, Celso A. Rosa, Celso A. Schröder, Cid Pinheiro Cabral, Cinara C. Lima, Ciro Dias dos Reis, Cintia M. Leal, Claiton J. Seistre, Clarice L. Giorgi, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Cláudia Quinto, Cláudia M. Moti, Clóvis Heberle, Clóvis O. Malta, Cristina Baptista Pereira, Cyro G. Canabarro, Delmar Marques Correa, Divino V. Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna S. Della Nina, Edson G. Chaves Filho, Edson S. Kosminski, Eduardo R. Bueno, Eduardo S. San Martin, Eduardo Soares Guimaraens, Elaine E. Lerner, Eleonora A. Canto de Lucena, Elisabete P. Portugal, Elisabeth Copetti, Elmar Bones da Costa, Eloisa Enck Gonçalves, Elser E. Quintana, Enio R. Rocha, Ercy Pereira Torma, Erni C. Quaresma, Euclides P. Torres, Eugênio B. Bortolon, Eugênio F. Neves, Eva M. Caparelli, Evaldo J. Gonçalves, Evelyn Berg Ioschpe, Evilázio B. Oliveira, Fátima R. Torri, Fernando O. Lindote, Fernando Guedes, Fernando S. Saes, Fichel Davit Chargel, Flávio A. Porcello, Flávio A. Dutra, Floreal R. Rosa, Floriano H. Correa, Francisco C. Ribeiro, Francisco D. Lopes, Francisco J. Karam, Francisco Juska Filho, Francisco Paulo Santana, Gabriel V. Mathias, Geanoni M. Peixoto, Geey N. Belmonte, Geraldo Hasse, Gerson L. Schirmer, Gilberto L. Pautetti, Gilberto O. Leal, Glauco da Cruz Brandão, Gomercindo Lins Coutinho, Guilherme P. Souza, Guisleno Barú F. Derquim, Gustavo F. Moritz, Haroldo A. Silva, Hedi Moema L. Bauer, Heidy Gerhardt, Hélio A. Pereira, Hélio C. Gama Filho, Hélio M. Doyle, Heloisa Cé, Helton Ricardo Barreto, Hermelindo P. Macedo, Higinio C. Barros, Hiltor P. Mombach, Hiron C. Goidanich, Humberto A. Monteiro, Humberto Andreatta, Iara A. Bendati, Iara T. Pereira, Iaraporan V. Müller, Ibsen Valls Pinheiro, Ieda C. Bernardi, Ignês Pletsch, Ilgo J. Wink Filho, Ilza M. Girardi, Imara Stallbaum, Ivan G. Pinheiro Machado, Ivo Egon Stigger, Jaime Klintonowicz, Jaime Sautchuck, Jandira A. Feijó, Jandira M. Cesar, Jane M. Filipon, Jayme Copstein, João Batista Marçal, João Batista Scalco, João C. da Silva, João R. Muniz, João P. Lacerda, Jorge B. Meditsch, Jorge Baumann, Jorge D. Escosteguy, Jorge M. Gomes, Jorge O. Carvalho Leite, Jorge O. da Silva, Jorge R. Freitas, Jorge S. Miranda Netto, José Antonio F. Ribeiro, José Antonio Severo, José Antonio S. Silva, José A. Pinto Netto, José A. Flores, José Danter Ripoll, José Emanuel G. Mattos, José Ender Francisco, José Erasmo Nascentes, José Félix R. Valente, José Guaraci Fraga, José H. Mitchell, José Lauro D. Siqueira, José L. Lima, José Luiz G. Préviedo, José L. Chiarelli, José Marcello L. Pontes, José Onofre Jardim, José R. Araújo, José R. Fontes, José R. Silva, José Roberto Garcez, José S. Fonseca, José T. Abu-Jamra, Juan Carlos Gomez, Judith M. Costa, Julieta A. Nunes, Júlio José Chiavenatto, Júlio T. Sortica, Jurandir S. Silveira, Jussara C. Coelho, Laerte B. de Franceschi, Laerte C. Martins, Laerte D. Meliga, Laila M. Pinheiro, Lauro J. Quadros, Léa M. Aragón, Lenora M. Vargas, Léo Tavejehansky, Leonardo B. Dourado, Leonid Streliaev, Licínio S. Azevedo, Lilian Bem David, Linda C. Sarturi, Leonora Paim, Lourival Vianna da Silva, Lotário Neuberger, Lucila S. Camargo, Luiz Alberto L. Artech, Luiz A. Scotto de Almeida, Luiz A. Vidal, Luiz A. Corazza, Luiz Antonio Duarte, Luiz A. Kosminski, Luiz Antonio Pinheiro, Luiz Carlos R. Felizardo, Luiz Carlos S. Mello, Luiz Carlos F. Ferreira, Luiz C. Miranda, Luiz Carlos O. Almeida, Luiz Claudio F. Cunha, Luiz Eduardo R. Achutti, Luiz F. Vilaverde, Luiz F. Lima, Luiz F. Flores, Luiz F. Silva, Luiz Fernando Verissimo, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz C. Fonseca, Luiz G. Gonçalves, Luiz Humberto M. Pereira, Luiz Inácio F. Castro, Luiz O. Matzembacher, Luiz P. Pilla Vares, Luiz Paulo R. Daudt, Luiz Recena Grassi, Luiz R. Lanzetta, Luiz R. Vitello Filho, Lygia M. Nunes, Manoel J. Lourenço, Mara S. Bernardes, Marcelo Villas-Bôas Santos, Márcia B. Turcato, Márcio S. Camara, Marco Antonio F. Schuster, Marco Antonio Baggio, Marcio Túlio de Rose, Margareth S. Paula, Mary E. Menda, Maria Angélica de Moraes, Maria da Graça B. Seligman, Maria da Graça Silva, Maria E. Borges, Maria Helena Brancher, Maria Helena S. Passos, Maria I. Rech, Maria I. Zanchetta, Maria I. Hammes, Maria L. Fontanive, Maria L. Teixeira, Maria R. Ferreira, Maria Suelly Caldas, Marina Wodtke, Mário A. Nascimento, Mário A. Perez, Mário E. Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marinória S. Osório, Marise M. Fetter, Maristela Barros, Maroni João da Silva, Marques Leonam B. Cunha, Maurecy S. Santos, Mauro César Silveira, Mauro P. Torralles, Mary Beatriz Mezzari, Milton F. Wells, Milton Galdino da Silva, Milton R. da Silva, Milton N. Santos, Miriam Costa Correa, Miriam T. Moura, Milton Coelho Maron, Mozart N. Santos, Fajr J. Tubino, Nelson C. Ferrão, Nelson Franco Jobim, Neltair Rebés Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nilson A. Figueiredo Filho, Nilson Guimarães, Nirce Levin Goyman, Nivaldo T. Manzano, Odilon Rebés Abreu, Olídes Canton, Ovídio S. Lamas, Oly Zavaschi, Omar L. Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otacílio Grivot, Otília M. Rieth, Paulo Marconi, Patrício R. Bentes, Paulo A. Fogaça de Medeiros, Paulo Burd, Paulo C. Vergari, Paulo D. Pereira, Paulo E. Vasconcelos, Paulo F. Guerreiro, Paulo Gerson A. Oliveira, Paulo M. Macedo, Paulo O. Bezerra, Paulo R. Cancian, Paulo de Tarso C. Riccardi, Paulo Totti, Paulo F. Macedo, Pedro Sosa Pereira, Pedro V. Maciel, Plínio J. Dotto, Porfírio Borba Netto, Raul C. Rubenich, Raul R. Quevedo, Regina P. Vasques, Rejane Lempeck, Renan Antunes de Oliveira, Renato Kern, Renato Pinto da Silva, Renato Vinicius Canini, Ricardo I. Balsoni, Ricardo L. Chaves, Ricardo M. Schmitt, Riomar B. Trindade, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto B. Manera, Roberto C. Franco, Roberto Ethel, Roberto L. Antunes Fleck, Rogério F. Monteiro, Rogério Raupp Ruschell, Rogério S. Medeiros, Rômulo C. Krafta, Ronaldo Westermann, Rosvita Sauressig Laux, Rubens C. Wayne, Rui J. Bender, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Batsow, Sérgio Caparelli, Sérgio J. Becker, Sérgio R. Moita, Sérgio R. Lagranna, Sérgio Toniello, Severino J. Góes, Sibila Rocha, Silmar C. Müller, Sílvia S. Costa, Sílviö C. Ferreira, Silvio S. Correa, Solange V. Morgado, Tânia Carvalho e Silva, Tânia H. Kruschka, Tânia Jamardo Faillace, Telmo Cunha Zanini, Terezinha T. Figueiredo, Ubirajara S. Prates, Vera Daysi Barcelos, Vera M. Bosak, Vera M. Gomes, Vera R. Monteiro, Vera S. Kern, Victor Hugo Sperb, Vera T. Costa, Virson Holdembaum, Vitor Moraes, Waldemar Teixeira, Walter Firmo G. da Silva, Whalmir Anna Von Koenning, Wilmar O. Marques, Wladimir Netto Ungaretti e Zélia Dambrowski Leal.

*Não acreditamos que o futebol seja o ópio do povo, como já se disse. Mas não deixa de nos inquietar vê-lo envolvido em tão grandes interesses comerciais. Talvez seja purismo, pois nem é de hoje que o futebol é uma grande indústria. A diferença é que nunca foi tanto quanto nesta Copa da Espanha.*

*O Brasil tem uma bela seleção, teremos chance de ver os jogos nas melhores condições que a tecnologia moderna permite: ao vivo e a cores com regalitos. Mas, quanto pagaremos por isso? Claro, talvez não seja hora de falar nisso, talvez certas questões já nem caibam mais. Afinal, está tudo bem e, provavelmente, seremos campeões "mundiais" de futebol...*

\*\*\*

*Democracia é diálogo, troca de opiniões, conversa, debate. Todos sabem disso, mas poucos sabem fazer isso na prática. Sabem falar, têm opiniões firmes e definidas mas (por isso mesmo) não sabem ouvir para terem razão sempre. Daí, a atualidade do ensaio de Michel Montaigne que publi-*

*camos nas páginas 15 e 16 desta edição. Saber conversar é importante.*

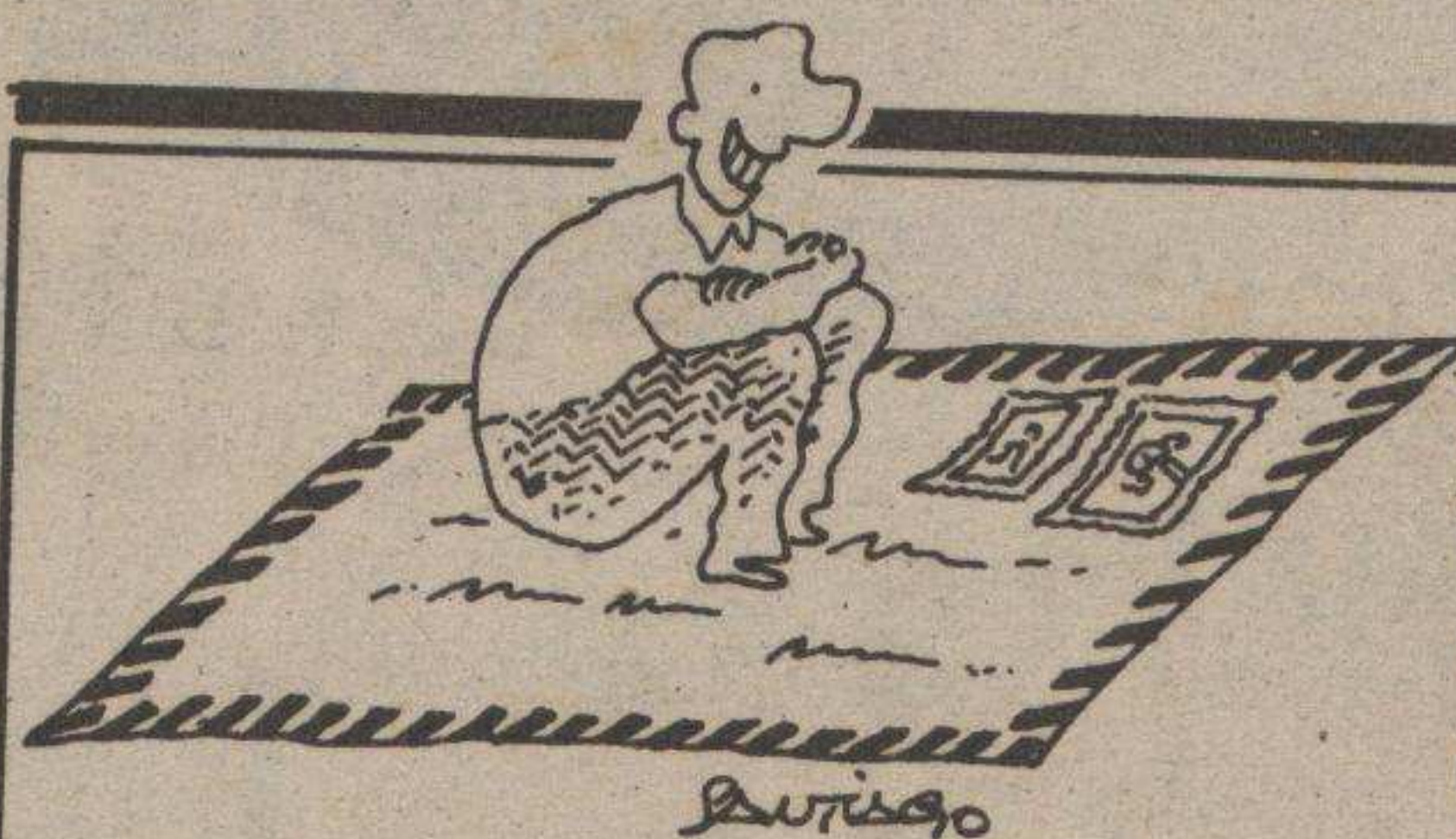
\*\*\*

*A partir desta edição, passamos a contar com a colaboração efetiva de Tabajara Ruas, gaúcho de Uruguiana, escritor de talento que está surgindo com um livro já publicado (Região Submersa) e outro a sair (O Amor de Pedro por João). Tabajara vive num pequeno povoado na ilha de Florianópolis e de lá vai nos mandar um texto todo o mês. Leia o primeiro na página 18.*

\*\*\*

*Nós acreditamos que a atividade jornalística implica num compromisso com a verdade e com o leitor. É uma escola com poucos adeptos aqui no Estado. Veja na página 3 e 4. Ali está um bom exemplo do que andam fazendo com os fatos, principalmente no que respeita à campanha política.*

O Editor



**PRA FRENTE, BRASIL?**

Senhor Editor: Há cerca de três meses atrás assisti, durante o X Festival do Cinema Brasileiro de Gramado, o filme **Pra Frente Brasil**, de Roberto Faria, que foi censurado uma semana depois em virtude de ingerências de altas patentes militares (entenda-se Almirante Silvio Hack) junto à Censura Federal. Mas voltando ao filme em si, apesar da censura, é totalmente desprovido de conteúdo ideológico e além de tudo não tem semelhança histórica com os fatos ocorridos naqueles negros anos.

José Walter da Silva,  
Porto Alegre, RS

**FISCALIZANDO A IMPRENSA**

Prezado Editor: No dia 21 de maio, em Porto Alegre, foi fundada a Associação de Proteção ao Entrevistado e Fiscalização Geral da Imprensa (Apefi). Sua diretoria se compõe do Presidente (Carlos Ducatti), Vice-Presidente e oito secretários. O artigo II dos Estatutos diz: "Objetivos - Resolver os mais graves problemas técnicos, operacionais, éticos e ideológicos da Imprensa Brasileira, capazes de prejudicar os entrevistados, missivistas, etc. Combater a

incompetência, presunção, esperteza nociva, índole traiçoeira, irresponsabilidade e não-senso de justiça que, infelizmente, caracterizam certos jornalistas.

Alguns lemas da Apefi: o jornal deve ser um órgão de utilidade pública e não um manancial de desinformação, calúnias e gozação; os jornalistas devem ter não só liberdade, como também **responsabilidade e senso de justiça**; corrigir danos de uma reportagem nociva é tão fácil como juntar leite derramado; abaixo o pacto da imprensa! Quem não se corrige deve ser corrigido pelos outros; para lançar as sementes da Civilização do III milênio é preciso boa terra. Neste caso, a Imprensa Brasileira parece, ainda, um terreno árido e pedregoso.

Esta associação pretende seguir uma política baseada na máxima diplomacia, cautela, respeito e discricção. Apela até para os mais altos escalões governamentais, a fim de reformar o currículo dos cursos de jornalismo e as normas da lamentável, perigosa e apocalíptica Imprensa Brasileira. A integridade desta carta é intocável. Se publicada ou não, é tudo ou nada. Sua publicação fora de Porto Alegre implica obrigatoriamente na remessa da página do jornal ou revista à sede da associação, Rua Jerônimo Coelho, 59/ap 401, Porto Alegre.

Carlos Ducatti (filósofo), presidente da Apefi, Porto Alegre, RS

**ATITUDE DEMOCRÁTICA**

Prezado Arnaldo Mallmann: Através do noticiário publicado no Coojornal, edição de abril/maio, tomei conhecimento da sua manifestação sobre Neutralidade Política no Seminário realizado pelas cooperativas do Rio Grande do Sul, no mês de abril e da reação do plenário a essa manifestação.

Sobre o seu posicionamento - atitude democrática, consciente, corajosa e oportunamente assumida -, envio-lhe meu mais ardoroso abraço de incontido apoio. Atitudes assim, de legítima conscientização político-cooperativista, engrandecem nosso movimento e alicerçam nossa confiança de que o cooperativismo brasileiro venha a se tornar ideologicamente definido, rompendo as amarras de uma subserviência castradora, impeditiva de seu progresso.

A manifestação daquele plenário exprime precisamente o ranço dos acomodados, a passividade dos que não sabem e não querem lutar por maiores grandezas e escondem sua própria fraqueza no anonimato da manifestação coletiva, reagindo primária e catatimicamente a qualquer idéia nova, desde que, como no caso presente, democrática e libertária.

Djalma Chastinet Contreiras, presidente da Unimed-RJ

Cartas para esta secção devem ser endereçadas à Rua Comendador Coruja, 372.



# Crise escamoteada

**Jair é atingido por Beltrão, mas a imprensa, voluntariosa ajuda-o a absorver o golpe**

Aos eleitores gaúchos, mais do que em qualquer outro Estado, interessava discutir amplamente o episódio dos credenciamentos feitos pelo ministro Jair Soares nos últimos dias de sua gestão e suspensos logo após pelo seu substituto, ministro Hélio Beltrão. Afinal, na suspensão e na crise que se seguiu, estava implícita uma acusação a um candidato ao governo do Rio Grande do Sul.

Foi aqui, no entanto, onde menos se informou sobre o assunto. A versão do episódio levada ao público pelos principais veículos de comunicação do Estado chegou a ser em alguns pontos totalmente oposta ao que divulgaram os órgãos do centro do país. E, com base nela, foi fácil ao ministro dar rapidamente por encerrado o episódio e sair dele sem maiores desgastes a nível do grande público.

É interessante comparar a atuação da imprensa. No dia 16 de maio, domingo, o *Estado de São Paulo* publicou a primeira notícia: "Por ordem do novo ministro da Previdência e Assistência Social, Hélio Beltrão, e com autorização do Palácio do Planalto, seu chefe de gabinete, Antonio Marco Lobo, enviou quarta-feira um telex estritamente confidencial à presidência do Inamps, determinando que as Superintendências Regionais do Instituto sistem, até posterior deliberação, todos os credenciamentos autorizados pelo ex-ministro e deputado Jair Soares nos últimos dias que esteve no cargo. Os que não estiverem dentro das normas e padrões técnicos de credenciamentos serão cancelados".

A matéria estava assinada pela repórter Ana Márcia Seraphim, da sucursal de Brasília de *O Estado de São Paulo*. Ela contava ainda que Jair ficou até tarde nos dois últimos dias de sua gestão autorizando os credenciamentos e acrescentava que nos quatro meses de 82, o número total de credenciamentos atingira 11.500. Terminava com reclamações de deputados do próprio PDS

que foram a Figueiredo queixar-se de que não podiam atender seus cabos eleitorais porque Jair monopolizava para si o trunfo dos credenciamentos.

No dia seguinte, segunda-feira, os jornais gaúchos ainda ignoravam o fato. A *Zero Hora*, por exemplo, informava, que Jair Soares abriu sua campanha com grande ímpeto, visitando 112 vilas de Porto Alegre no fim de semana, com intensa movimentação popular. O repórter registrava, inclusive, uma declaração precisa de um morador: "Jair é um homem popular que não promete, mas tem feito muito por nós". Seis fotos ilustravam a reportagem. Numa delas Jair batia bola com moradores.

Só à meia-noite de segunda-feira, a TV de maior audiência no Estado, a Gaúcha, fazia uma rápida menção ao assunto dos credenciamentos: a segunda edição do *Jornal Nacional*, editada no Rio, mostrava uma cena ocorrida na sessão da Assembleia Legislativa à tarde. O deputado

José Fogaça (PMDB) brandindo o Estadão com a notícia e o deputado Rubi Diehl rebatendo com o argumento já preparado pela cúpula do PDS em Brasília: "Só pode ser coisa de tecnocratas que estão contra a abertura", dizia.

Aquela altura, já estavam em Brasília o governador do Estado, o próprio Jair Soares, o presidente do PDS, Victor Faccioni. Eles souberam da notícia na noite de domingo e na segunda às 9 da manhã reuniram-se no Palácio Piratini e decidiram embarcar às pressas. Aquela altura, também, o deputado Nelson Marchezan, em cuja casa os gaúchos se reuniram para traçar a estratégia para evitar a crise, já havia telefonado para a direção dos jornais pedindo prudência no noticiário porque "o fato se prestava a sensacionalismos e poderia dar margem a ataques de baixo nível à figura do candidato".

Terça-feira, dia 18, notícia do *Correio do Povo*: "Segundo o ex-ministro da Previ-

dência, o presidente da República recomendou-lhe que vencesse as eleições e, em consequência, iniciativas que comprometam esse objetivo serão contrárias ao chefe do governo... Jair Soares afirma que autorizou sete mil credenciamentos em toda sua gestão, além de promover "pouco mais de oito mil nomeações".

*Zero Hora*, do mesmo dia, coluna ZH-Brasília: "O governo deveria ter pelo menos, respeito aos princípios de coerência... o aumento dos credenciamentos significa mais atendimento médico às populações carentes. E o ex-ministro tem na ponta do lápis os números relativos a estas autorizações. O Rio Grande do Sul não é o Estado mais beneficiado pelo número de credenciamentos... Pessoas próximas dele afirmaram que ele estava muito satisfeito com a defesa feita pelo deputado Alexandre Machado que, usando linguagem crua, colocou os pontos nos "is"... depois do

aparte de Alexandre Machado, nenhum representante oposicionista usou da palavra".

Mesmo jornal, páginas políticas: "Poucos deputados falaram na questão na sessão plenária de ontem, mas durante seu desenrolar surgiram várias notas oficiais expedidas pelas bancadas"...

Dá em diante, enquanto os jornais e revistas do centro do país descreviam as peripécias do ex-ministro tentando, em vão, ser recebido por seu amigo Figueiredo e comprovavam o caráter eleitoral dos credenciamentos, a imprensa gaúcha centraria seu noticiário nas declarações de Jair e dos líderes do PDS, todos batendo na tecla de que a suspensão dos credenciamentos fora, "uma decisão de ordem burocrática" e que, na verdade, a medida adotada por Jair era benéfica para os contribuintes, pois colocava mais médicos à disposição, sem onerar os cofres do Inamps. (Na verdade não onera diretamente, mas ao habilitar um maior número de médicos abre a porta para o aumento das consultas e exigências de exames desnecessários, cirurgias desnecessárias, recursos que médicos lançam mão para não diminuir sua receita).

Na revista *Veja* explicaria a atitude de Beltrão assim: "Pesou na decisão a constatação de que a construção de que a maior parte dos médicos e dentistas credenciados era apadrinhada pelo próprio Jair Soares ou por seus próprios companheiros de chapa no Rio Grande do Sul, Carlos Chiarelli (300) e Cláudio Strassburger (200)". A revista deu como motivo principal da suspensão o prejuízo que os credenciamentos causariam à imagem do governo em outros Estados. E citou uma declaração do próprio Hélio Beltrão, em off: "Talvez o dano ao PDS gaúcho seja irreparável, mas o benefício para a imagem do governo, no resto do país compensa tudo".

Assim como Beltrão não hesitou entre sacrificar o PDS gaúcho para ressaltar a imagem do governo federal a imprensa local não hesitou em desrespeitar seus leitores para respaldar Jair Soares.

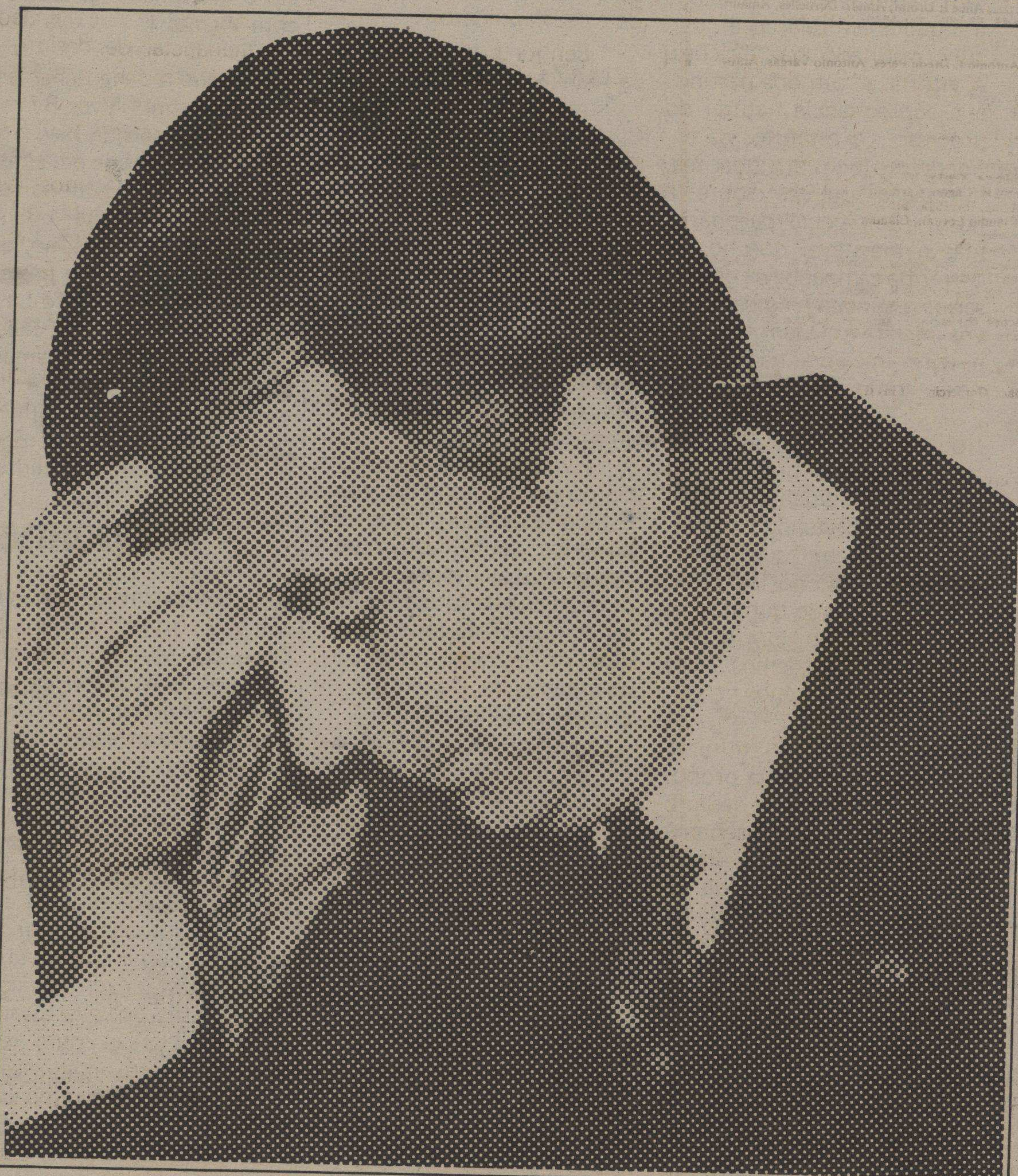


Foto: Luiz Eduardo Achutti



## Natalino proibido

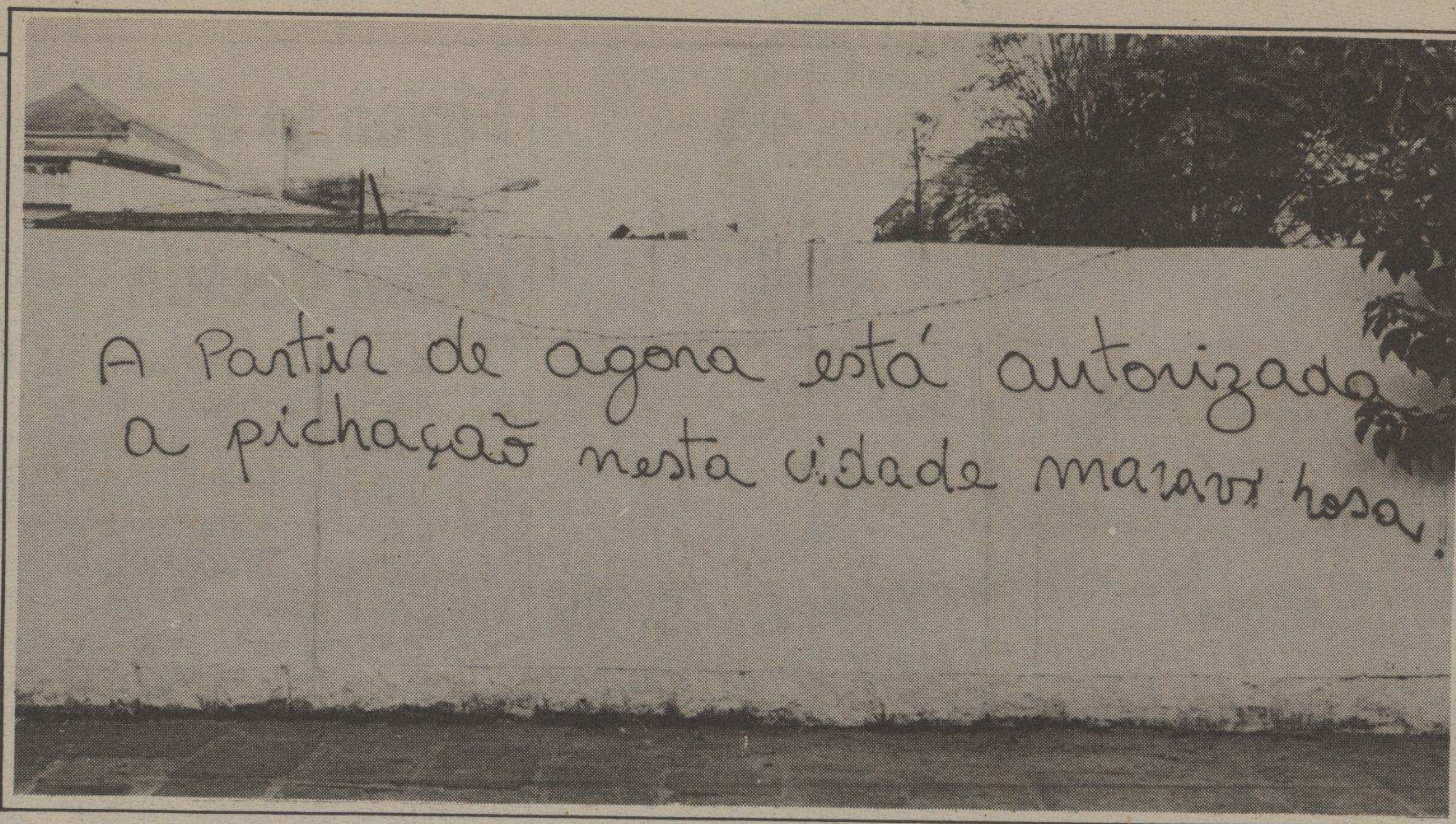
Ganhador do prêmio de Melhor Curta-Metragem no Festival de Gramado, o filme **Encruzilhada Natalino**, dos gaúchos Ayrton Centeno e Guaracy Cunha, foi proibido pela Polícia Federal. O filme, um documentário de 24 minutos sobre a permanência dos colonos gaúchos num acampamento, à beira da estrada, reivindicando terras, já fora censurado pelo Departamento de Censura da PF antes do Festival. Foi exibido, graças a um mandado de segurança impetrado pelo advogado José Antonio Pinheiro Machado.

Pela lei, restava aos diretores apelar à Superintendência da Polícia Federal, que igualmente negou a liberação. Agora, Centeno e Cunha estão apelando ao Conselho Federal de Censura. "Não temos interesse comercial com o filme", afirma Guaracy Cunha. "Apenas queremos cobrir os custos, por volta de Cr\$ 320 mil, e o restante será doado ao fundo dos colonos. Mas a proibição está causando prejuízos".

## Dops e a abertura

"Foi o trabalho do Dops, em todos esses anos que possibilitou a abertura política que temos hoje". Assim, o delegado Pedro Carlos Seelig lamenta o fechamento do Dops gaúcho, organismo em que atuou por mais de 15 anos. Seelig foi o nome mais destacado e discutido da história recente do Dops, envolvido em dois rumorosos casos: a morte de seu enteado Luiz Alberto Arévalo, em 73, e o seqüestro dos uruguaios, em 78.

Ele foi um dos mais contrariados com sua extinção: "Para a Polícia, perder o Dops é como perder parte do corpo". E prevê: "A oposição também terá seu organismo de informação".



## Pobresias e murmuros

Poesia gratuita, ampla e irrestrita. É o que se propõe a dar à cidade o grupo "PoBResias e MURmuros", formado por jovens que praticam a "poesia livre", como eles dizem, ou o "graffite", como dizem os franceses.

Eles são semelhantes a vários outros grupos que nas principais cidades do país se dedicam a escrever com spray nos muros frases poéticas ou insólitas, ou apenas irreverentes, com o único intuito de "humanizar a paisagem urbana". Diferem da maioria, talvez, apenas num ponto: formam um grupo organizado que desenvolve o graffite como uma atividade intelectual e artística.

São publicitários, jornalistas e estudantes liderados pelo paranaense Luiz Rettamozzo, 34 anos, o "Reta", redator de propaganda, frasiista irreverente, quase um ideólogo da pichação.

"O homem das cavernas já fazia graffite", lembra Rettamozzo. "Mas foi a partir da

década de 60, através do Free Expression Movement, nos Estados Unidos, que ele se difundiu pelos centros urbanos. "I'll fuck the system" era a principal pichação do Yip (Young International Party), onde party tem o significado duplo de partido e de festa. Tudo isso para satirizar as rançosas palavras de ordem dos partidos da esquerda americana".

Spray, caneta e pincel atômico é o material de trabalho. Regra, nenhuma, no

máximo, em algumas ocasiões uma reunião para bolar as frases. De carro vão à rua, qualquer uma que tenha bom movimento durante o dia, e picham frases que muitas vezes surgem na hora.

"Cabe qualquer coisa no muro", diz Rettamozzo. Às vezes, surpreendidos pela polícia, acabam tomando "um chá de banco" numa delegacia. Mas não desanimam, pois, como diz um do grupo, "quem picha, corre o risco". (Chico Daniel)



O trocadilho com o líder do PT

## "Os autores morrerão de pena"

Em janeiro desse ano, um grupo de pichadores resolveu reunir as melhores pichações que conheciam ou que tinham criado. E editaram um livreto, feito manualmente, com tiragem de 20 exemplares, com o título "Prá Porto Que Te Pariu!". Na primeira página, uma explicação: "Antologia de poemas piche feita de memória e sem razão nenhuma. Use esses poemas nas ruas de Porto Alegre

como você quiser. Os autores morrerão de pena".

Aqui, algumas das frases do livreto: "O chimarrão vai prá cucuia"; Juruna é o fim da raça; Coma bife cuiudo (com dois ovos embaixo); Guri, fly with colomy; Temos que construir um mundo de que o universo se possa orgulhar; Eternamente é ter na mente éter na mente; Eu, você (e esta vírgula baixostral)". Outros piches

encontrados por aí: Mímica é muito careta; Jair Fila; P/rei Midas, Incitatus p/senador; Lula é polvo; Coisa singular: dois olhos e um só olhar; aBAIXO; O álcool mata lentamente: beba depressa; Coito Biscoito; Poema Frase Defeito; e Tome Quaquer na veia. E este, num muro da Múcio Teixeira: "É mais do que maconha, é maconha em maço, é maconhaço!". (Chico Daniel)

## "Denúncia" não perdoa

Ignorado pela imprensa local, está circulando em Porto Alegre há dois meses o quinzenário "Denúncia", dirigido pelo jornalista Carlos Alberto Kolecza, ex-chefe de reportagem de Zero Hora, que deixou o cargo para fazer o seu próprio jornal.

Cansado da "falsa imparcialidade" dos grandes jornais, Kolecza procura editar um jornal pequeno e combativo, situado na oposição e buscando chegar ao "povão" através de um preço acessível (Cr\$ 30,00) e uma linguagem agressiva.

"O Incompetente". Essa foi a manchete em letras garrafais, sublinhando a fotografia do governador Amaral de Souza, na primeira edição do jornal. Por causa desta manchete, quase o jornal não circula, pois o Jornal do Comércio, em cuja gráfica foi impresso "Denúncia", negou-se a liberar os cinco mil exemplares já prontos assim que tomou conhecimento do assunto de capa. A troca de gráfica implicou num atraso no lançamento do jornal, mas mesmo assim a edição esgotou.

"Temos fôlego político, moral e financeiro para agüentar até novembro", afirma Kolecza como que respondendo aos políticos governistas, principais alvos dos ataques de "Denúncia". Em novembro, se o PDS ganhar, o próprio Kolecza reconhece que dificilmente o jornal sobreviverá. Na redação trabalham seis jornalistas e uma dezena de estudantes de jornalismo.

**denúncia**

**JAIR SOARES**

**CAI**

**DO CAVALO**

O ESCÂNDALO DOS CREDENCIAMENTOS ARRASA SUA CANDIDATURA

Amoral faz mas uma desleita ao magistrado. Viles na defesa da posse da terra. Pólo, um perigo, em vez de empregos. Brasil está contra o espulso de favor.

O "Denúncia"

**A UNIDONTO  
PROPÕE A TODAS  
AS COOPERATIVAS  
UM BOM NEGÓCIO**

A Unidonto oferece assistência odontológica pelo sistema cooperativista.  
A Unidonto oferece consulta e tratamento odontológico com hora marcada.  
A Unidonto oferece seu plano de assistência familiar.  
A Unidonto oferece preços mais baixos.  
Solicite a presença de um executivo da Unidonto.



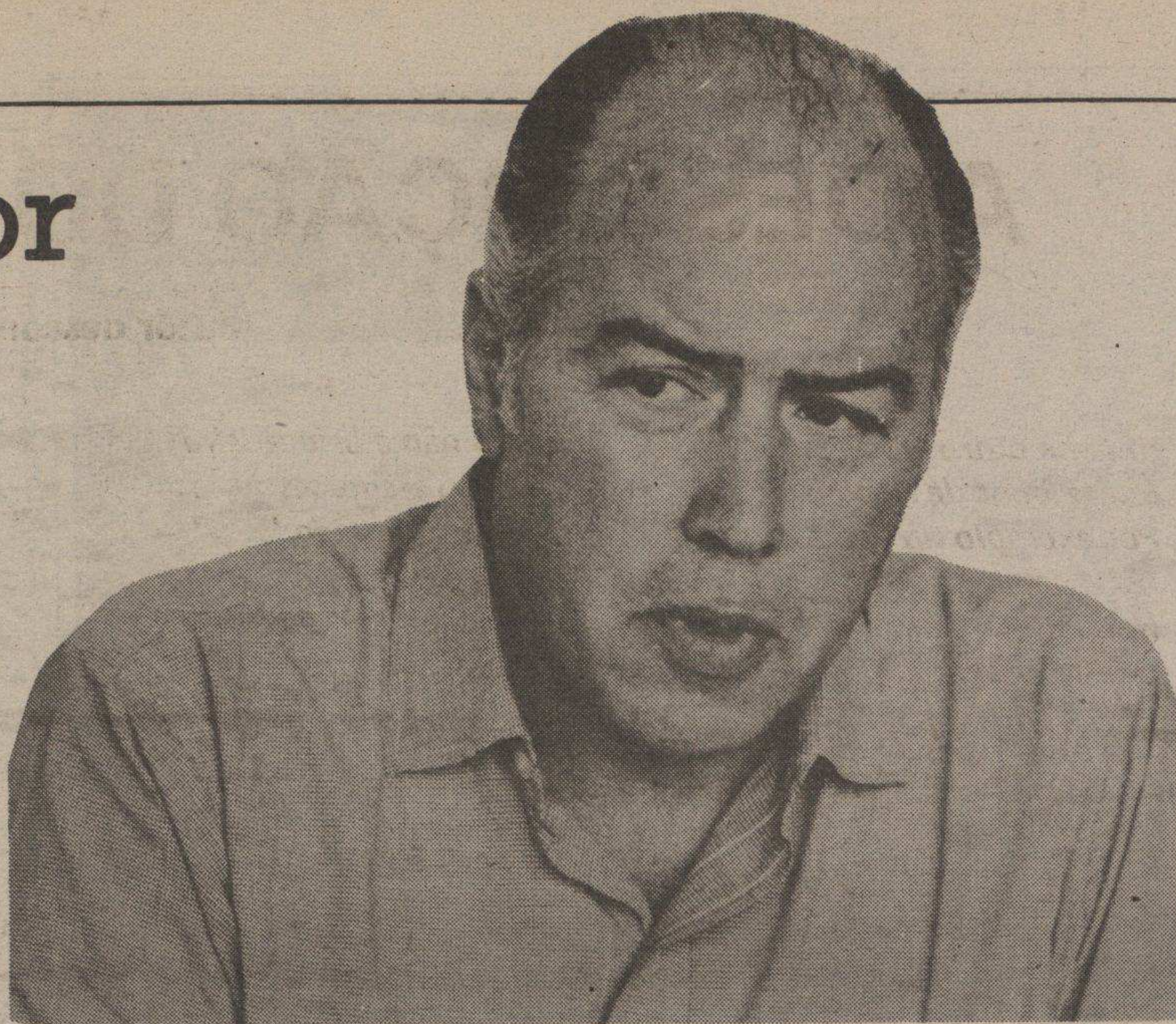
**unidonto**  
PORTO ALEGRE

sociedade cooperativa de serviços odontológicos lida.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380 Av. Borges de Medeiros, 596 4º andar G. 42



# Ex-assessor de Kennedy contra o FMI



Gervasi: "O FMI aparece por trás das crises"

Contratado por uma fundação norte-americana e outra alemã, o economista Sean Gervasi, ex-conselheiro do Presidente John Kennedy, está concluindo uma pesquisa sobre a agressão sul-africana contra seus países vizinhos, principalmente Moçambique, Angola, Zimbabwe e Zâmbia. O trabalho deve ficar pronto em agosto, mas Gervasi já fez uma descoberta importante: "O Fundo Monetário Internacional aparece como pano de fundo das crises destes países e sua atuação parece sincronizada com a agressão militar sul-africana".

Ele percorreu diversos países da África e analisou, principalmente, as relações entre o FMI e os países que passaram por processos de independência política. No Zimbabwe (ex-Rodésia), o FMI exigiu, do governo de Roberto Mugabe, em troca de um empréstimo, o aumento da taxa de juros, a redução da subvenção à carne, pão e leite, e o corte nas despesas com a educação. Quando o Governo cedeu, os técnicos do FMI fizeram novas exigências: outro corte na verba para educação e redução nas despesas militares. "Aí, o Governo resistiu e foram meses de conturbadas negociações".

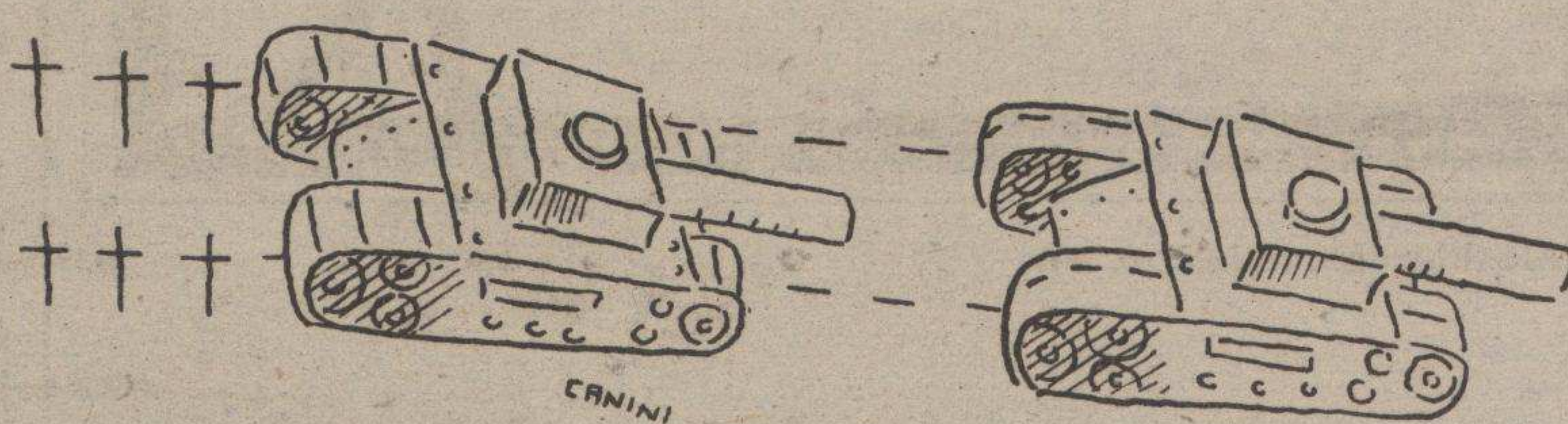
"Quando o FMI insiste

para que o Zimbabwe reduza as despesas com a educação, deve saber que isto terá efeitos desastrosos", afirma Gervasi, "principalmente quando o argumento utilizado é o de que existe uma crise nos transportes. Ora, a crise é consequência das sabotagens feitas por grupo para militares sul-africanos contra as vias férreas e rodoviárias e do rompimento de contrato da África do Sul com a linha férrea zimbabwense. O FMI, ao ignorar estes fatores, faz o jogo da África do Sul".

Gervasi acrescenta que o FMI levou a uma encruzilhada a economia de Zâmbia, da mesma forma com que procedeu em relação à Jamaica, onde a política do Fundo quebrou o país e causou a queda do Governo de Michael Manley. "A política do FMI

para a Zâmbia impôs a redução do déficit orçamentário com o fim dos subsídios aos alimentos, o aumento da taxa de juros e o congelamento dos salários", explica. "Em consequência, pequenas empresas faliram, o desemprego bateu recordes e o Governo entrou em choque com os mineiros, responsáveis pela produção de 96% das exportações do país".

O economista americano diz que "no momento, não posso assegurar categoricamente que o FMI arrasou a economia de Zâmbia e tenta arruinar a do Zimbabwe. Mas posso afirmar que a política imposta por ele obstaculiza o desenvolvimento, mina a economia e cria dificuldades que podem levar a crises políticas sérias". (Licínio Azevedo, de Moçambique)



## Fazendo a cabeça de quem decide

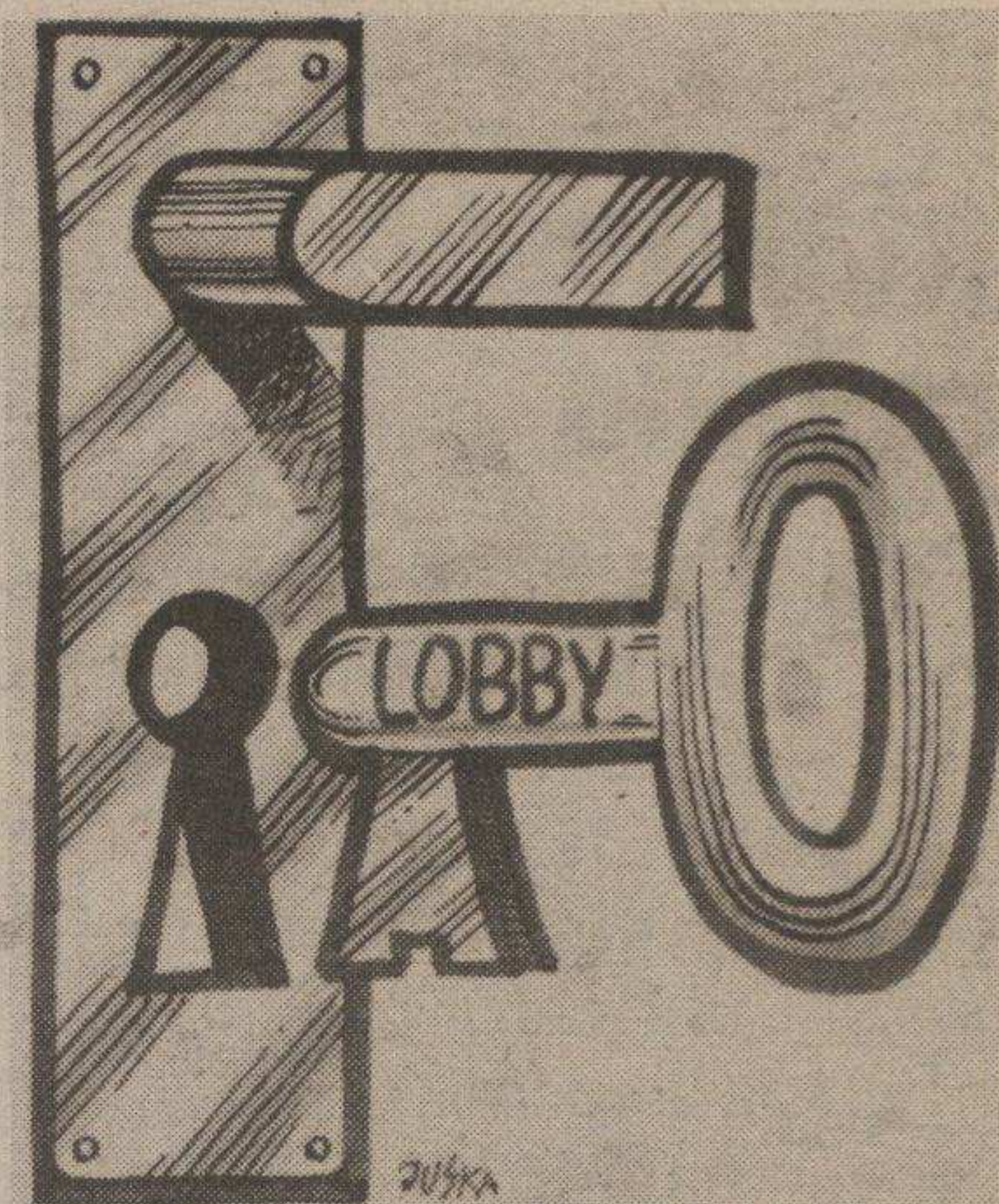
As grandes empresas já descobriram a palavra mágica que abrirá todas as portas da democracia brasileira: lobby. Ela pode ser simplesmente traduzida por "grupo de pressão", mas quer dizer muito mais do que isso. Serve para designar todo um conjunto de procedimentos usados pelas empresas para influenciar e defender interesses, especialmente junto às áreas governamentais.

"É uma ferramenta de persuasão que pode ser usada para o Bem e para o Mal", diz o professor João Bosco Lodi, da Fundação Getúlio Vargas, um dos papas da administração de empresas no país, ex-diretor de grandes grupos como: Samba, Banco Real, Editora Abril, Sharp e autor de uma dezena de livros sobre o assunto.

Ele esteve em Porto Alegre exatamente para dar um curso aos empresários gaúchos sobre o "lobby", explicando aos que ouviram suas quatro palestras a importância do assunto:

"Quando o poder era exclusivamente representado pelo aparato militar instalado no Governo, as empresas procuravam contratar militares da reserva ou civis com bom trânsito na área militar. O importante era ter um amigo do rei. O tráfico de influência era decorrência de uma sociedade fechada. Mas hoje, a pluralidade política está exigindo um novo tipo de lobbyist, mais profissional, apolido, relacionado com a situação e com a oposição".

As empresas brasileiras, diz o professor, ainda não se



aperceberam claramente da importância do "lobby" num país como o Brasil, que se democratiza e que tem um estado poderoso controlando todos os setores da economia. Mas, os grupos estrangeiros, há muito já se organizaram para atuar junto ao poder. As multinacionais como a Light, exemplifica ele, foram as primeiras escolas de "lobby" no Brasil: "E quantas lições nos deram. As multinacionais por conviverem com as mais diferentes culturas e ideologias, acumularam considerável experiência de convivência política com qualquer regime".

Lodi afirma que apesar de carregar uma imagem de corrupção, do ponto de vista ético, o "lobby" não é necessariamente uma imoralidade, mas um instrumento neutro de influência do poder. Ele reconhece, no entanto, os riscos de manipulação econômica que o "lobby" representa por atuar num terreno propício à corrupção. E aponta como remédio capaz de diminuir estes riscos a organização de todos os grupos, majoritários e minoritários, com interesse na democratização, para exigir, a exemplo de outros países, uma eficiente fiscalização e regulamentação do "lobby" no Brasil. Ou seja: façam todos seu "lobby", senão os "lobbysts" fazem a cabeça de quem decide.

## As cooperativas nos países subdesenvolvidos

O que uma cooperativa pode fazer na economia de um país do Terceiro Mundo? As cooperativas podem realmente contribuir para a mudança de estruturas econômicas? "Cooperação e Desenvolvimento" é um raro livro sobre o papel das cooperativas, analisando estes assuntos em profundidade. São 240 páginas de informação e análise sobre a importância deste sistema econômico para a estratégia de crescimento de um país como o Brasil.

O autor, Dieter W. Benecke, aprofunda estudos sobre a economia dos países em desenvolvimento; o que se pode esperar das cooperativas neste processo; os fatores positivos e negativos da atividade cooperativa; o Estado controlador da atividade cooperativa; a busca de novos caminhos para superar o fracasso da política de desenvolvimento nos países capitalistas e socialistas.

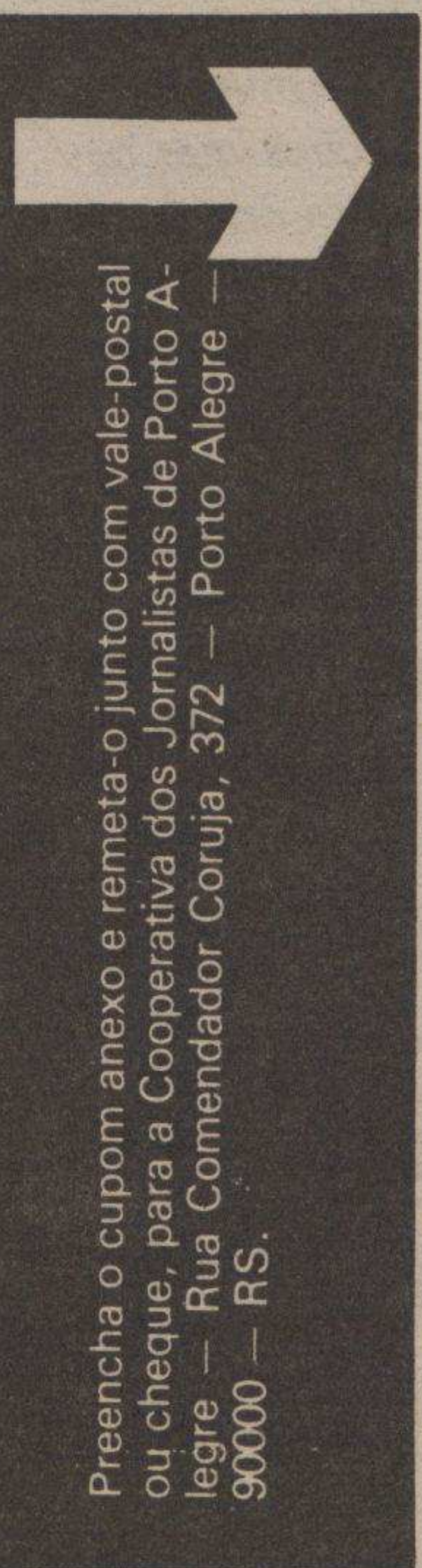
### COOPERAÇÃO & DESENVOLVIMENTO

O papel das cooperativas no processo de desenvolvimento econômico nos países do Terceiro Mundo

Dieter W. Benecke

DEBATE 2

Uma co-edição COOJORNAL e ASSOCENE



Preencha o cupom anexo e remeta-o junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre - Rua Comendador Coruja, 372 - Porto Alegre - 90000 - RS.

Solicito enviar...exemplar(es) do livro "Cooperação e Desenvolvimento", ao preço unitário de Cr\$ 500,00 cada.

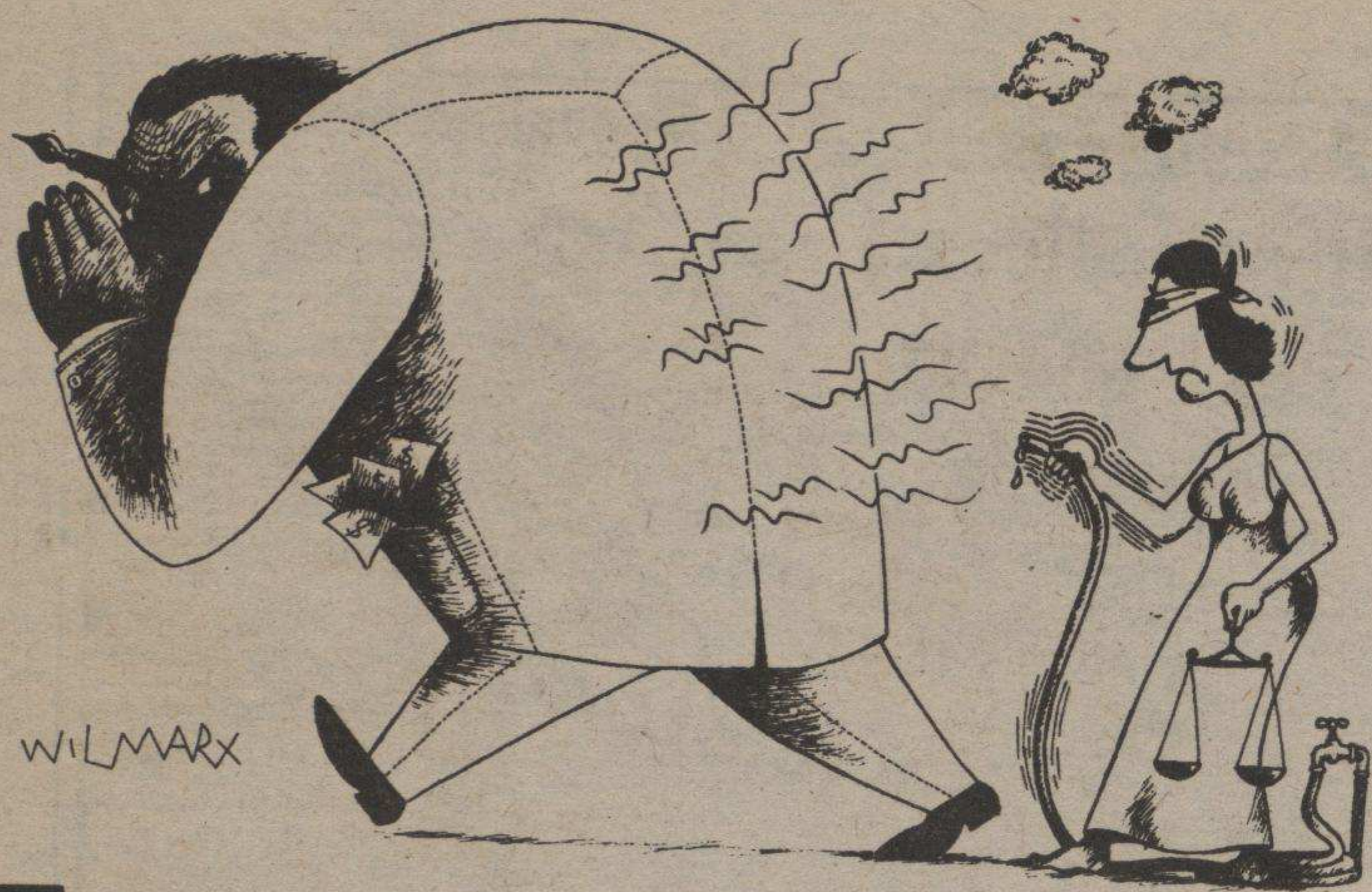
Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_





## Escrivão de costas quentes

O escrivão do Fórum de Santa Cruz do Sul, Milton Beck Machado, pensou ter encontrado uma fórmula fácil de ganhar dinheiro. O golpe era simples: valendo-se do cargo de Chefe do 1.º Cartório do Fórum, ele arrecadava o dinheiro de devedores executados pela Justiça, depositava em sua própria conta e aplicava, recebendo os juros do capital alheio. A descoberta da trama pelo promotor Marcelo Roberto Ribeiro teve aspectos inéditos na Justiça gaúcha, transformando-se num festival de sindicâncias, suspeitas e explicações.

Em novembro do ano passado, o promotor Ribeiro enviou à Corregedoria Geral da Justiça, uma denúncia contra o escrivão, acusando-o de apropriar-se de Cr\$ 66.434 de uma execução da União Federal por débito contra o Imposto de Renda e reter mais Cr\$ 73.773,00. Antes, ele pedirá providências ao Juiz Gaspar Beck da Silva, titular do Fórum. Segundo o promotor, o juiz não levou adiante o caso porque o escrivão é irmão do Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, juiz Paulo Beck Machado e que Luiz Gaspar da Silva aguardava uma promoção — que acabou acontecendo.

A sindicância, realizada pelos juízes Clarindo Favaretto e Eugênio Tedesco, da Corregedoria, em seus 40 volumes, revelou que até março foram encontrados 40 processos de execução, cujo valor havia sido apropriado pelo escrivão. Ele já devolveu este dinheiro, mas existem restam mais 11 processos, totalizando uma quantia de Cr\$ 1.526.000,00, que permanece no bolso de Machado. Além disso, ele também era titular do Cartório de Protestos de Títulos Cambiais, onde foram descobertos pelo menos 100 títulos em condições irregulares.

Durante a sindicância, o

promotor foi brindado com uma estranha aposentadoria, efetivada em quatro dias e assinada por uma alta autoridade da Secretaria da Justiça, em pleno saguão do Aeroporto Salgado Filho. Aposentado, o escrivão ficaria livre das sanções funcionais e a sindicância não teria valor. Porém, após publicada no Diário Oficial, a aposentadoria foi cassada pelo Vice-presidente Paulo Boeckel Veloso, já que o presidente se declarou impedido para julgar a sindicância envolvendo o irmão. Veloso decidiu também suspender as atividades do escrivão e ordenar que ele pagasse os prejuízos.

Neste meio tempo, surgiram duas outras sindicâncias. Uma na Procuradoria Geral do Estado absolveu por unanimidade o promotor Marcelo Ribeiro, pela briga contra o juiz Luis Gaspar Beck da Silva e outra contra o juiz, acusado de "provável omissão". Beck da Silva igualmente foi absolvido.

O inquérito policial, iniciado pela Delegacia de Santa Cruz, estava quase concluído quando a Procuradoria Geral da República pediu intervenção da Polícia Federal. O delegado Walter Salcie já ouviu que se todos os envolvidos — à exceção do juiz Luis Gaspar, licenciado para tratamento de saúde — e o inquérito deve ser concluído nas próximas semanas. O escrivão Machado, que fora aposentado por corrupção logo após o Golpe de 64, mas beneficiou-se com a anistia, em 79, está suspenso aguardando a decisão. O promotor Marcelo Ribeiro, que pediu transferência do Fórum de Santa Cruz por julgar-se "desconsiderado", atualmente está em Canoas. Ele diz: "A Justiça gaúcha não trairá sua tradição de dar a cada um o que merece, independente sua condição sócio-econômica ou familiar".

(Anilson Costa)

## A DESCRIÇÃO DO BEIJO

(autor desconhecido)

*Inda há outros lugares  
Muito bons de se beijar  
Por exemplo no decote  
\*carne limpa a brilhar  
Naquele corpinho macio  
Dá-lhe calafrio  
Capaz de se perturbar*

*Porque não é brincadeira  
Um beijo assim desta sorte  
Naquela carne tão linda  
Precisa o homem ser forte  
E sendo em cima do seio  
Sente ela um arrepio  
Capaz de causar-lhe a morte*

*Na boca é o lugar  
Que o beijo mais tem valor  
Mas eu agora vos digo  
Que o beijo de mais sabor  
É quando a mulher nos nega  
E que à força o homem pega  
E beija seja onde for.*

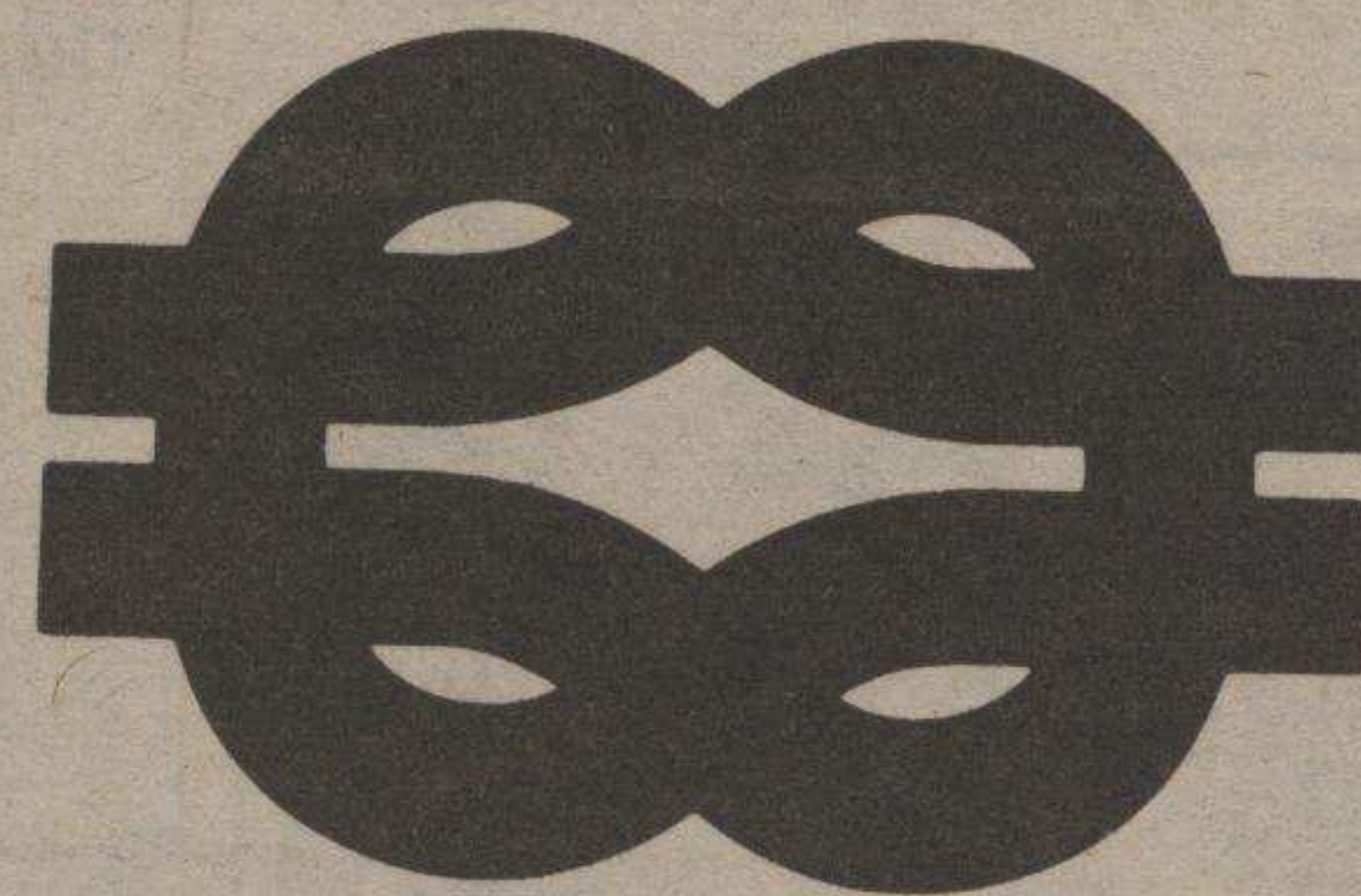
## Plante uma idéia de muitas sementes.

A Cotrijuí planta, entre seus associados, a idéia da diversificação de culturas. Como outras iniciativas, a maioria pioneira, essa também já começa a dar bons resultados.

Mas é preciso que mais agricultores participem desse esforço fundamental para levar mais alimentos à mesa do povo brasileiro. E garantir, acima de tudo, um rendimento mais racional para o produtor.

Venha plantar com a gente a idéia da diversificação.

A sua força, a sua voz levarão para frente essa palavra de ordem. E de progresso.



**COTRIJUI**

A mão  
e a idéia do homem.





**PAULO Odone Ribeiro**  
39 anos, advogado e Vice-Presidente de Futebol do Grêmio Portolegrense

— Sou filiado ao PMDB e vou votar no Pedro Simon, evidentemente. Ainda não escolhi os outros candidatos, mas defendo a idéia de que o eleitor deve votar no partido e não em pessoas, até mesmo porque a legislação eleitoral não permite outra saída. Minha condição de dirigente do Grêmio me impede uma participação mais concreta na campanha, mas pretendo ajudar como puder.

**SILVIO LUNARDI MARTINI**  
36 anos, economista, funcionário público municipal e "Rei Momo" de Porto Alegre

— Por enquanto, só tenho certeza que vou votar no Mano José (PDS) para vereador. Não é por ser meu parente, mas porque é realmente um grande político e grande figura humana. Quanto aos outros cargos, ainda não decidi. Nas últimas eleições, votei no Julio Brunelli, para deputado estadual, e no Alberto Hoffmann, para federal, ambos da Arena. Agora, estou em dúvida entre o Alceu Collares e o Jair Soares, os únicos que têm uma visão clara das coisas e do que fazer. Fui convidado a concorrer a vereador pelo PDT, mas não topei. Seria um horror como político.



Silvio Lunardi, o Miudinho



## Gente notória diz em quem vai votar

**CLÉO INÁCIO HICKMANN**  
23 anos, jogador de futebol do Sport Club Internacional

— Vou votar no PT e ajudar na campanha eleitoral, conversando com as pessoas, principalmente com os colegas de profissão, explicando a proposta do partido. O PT é o grande partido para o futuro deste país, o melhor que apareceu nos últimos tempos. Será a primeira eleição que participo e, por enquanto, meus candidatos certos são o Olívio Dutra e o Raul Pont. Quanto aos demais cargos, ainda estou buscando mais informações sobre candidatos.



Cléo, do Inter

**NELSON NADOTTI**  
24 anos, jornalista e cineasta, diretor de "Deu Pra Ti, Anos 70"

— A política-partidária não me atrai, mas vou votar no PT, porque ele é formado por trabalhadores e alguns dos mais brilhantes intelectuais que conheço. Nas últimas eleições, em 78, votei nos chamados "candidatos socialistas" do MDB e muito me arrependo. O Irani Muller não foi eleito e o Américo Copetti me decepcionou. Minha única dúvida agora é o cargo de deputado federal. No mais, voto no Olívio Dutra, no professor Raul Pont, no economista e ex-líder estudantil César Alvarez, para deputado estadual, e no jornalista e escritor Antonio Hohlfeldt, para vereador.

**CID PINHEIRO CABRAL**  
40 anos de crônica esportiva, hoje em Zero Hora

— Nunca abri meu voto, nem o farei. Na mocidade participei de grupos que lutaram extremadamente pelo voto secreto, considerando-o uma das máximas conquistas democráticas. Sou um homem sem acentuada definição partidária, desde que o socialismo morreu na casca em nosso palco político. As minhas opções eleitorais são todas de amizade pessoal. Voto menos em partidos do que em pessoas.



Nelson Nadotti

## Acusações contra médicos: um caso que vem se repetindo

**DOCTOR, ESTAMOS SENDO OBSERVADOS. NÃO SE TORNE "MANCHETE"**

**SERVICO DE RADIOTERAPIA DO HOSPITAL UNIVERSITARIO DA PUC**

**RADIOLOGISTA**

**saiba como entrar com o processo**

## Manual do Médico Acusado

1) Tenha cuidado com o que disser para que não seja usado contra o seu conceito profissional;  
2) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;  
3) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;  
4) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;  
5) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;  
6) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;  
7) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;  
8) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;  
9) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;  
10) Não se deixe levar por acusações que não tenham fundamento;

Sindicato e Amrgis alertam os médicos

## Cuidado, doutor, não vire manchete!

Os médicos gaúchos estão muito preocupados com a imprensa. O Jornal da Associação Médica do Rio Grande do Sul, em sua última edição fazia uma advertência à categoria: "Doutor, estamos sendo observados. Não se torne manchete". No mesmo tom, o Sindicato Médico decidiu prevenir seus associados sobre o trabalho dos repórteres e publicou, em seu boletim informativo, o Manual do Médico Acusado, contendo sugestões para a categoria despistar a imprensa, nestes casos.

"Tenha cuidado com o que disser, para que não seja usado contra seu conceito profissional", diz o primeiro mandamento do manual. Em seguida, aconselha ao médico em apuros que recorra ao departamento jurídico do sindicato, quando for procurado, afinal "o médico acusado significa toda a classe denunciada". O terceiro ponto ensina: "Seja gentil com a imprensa e diga que terá uma entrevista coletiva dentro das próximas 24 ou 48 horas, na sede do sindicato. Peça que compreendam sua situação e que você precisa saber tudo o que está ocorrendo e reunir

os dados antes de fazer declarações".

A quarta instrução alerta a respeito dos pronunciamentos das altas autoridades do Inamps: "Costumam dizer que o Instituto nada tem a ver com o ocorrido e que o problema é do médico envolvido". Da mesma forma, o Manual chama atenção para um "erro irreparável", ou seja, dizer que não tem explicações a dar: "Recentemente um colega disse isso a um jornalista e ele respondeu que assim teria que acreditar no que os outros diziam. E foi assim que aconteceu".

O Sindicato Médico gaúcho recomenda ainda que o profissional acusado deve munir-se de todas as informações, como documentos, diagnósticos e nomes de pessoas presentes ao atendimento, e levá-las ao departamento jurídico, mesmo que não seja associado ou esteja em atraso com as mensalidades. Por fim, o Manual ameaça: "Diante de tantos casos, as entidades médicas estão decididas: todos os que fizerem acusações injuriosas ou difamatórias aos médicos serão processados", citando os artigos correspondentes.

# DELPHUS®

COMPLETE SUA OBRA DE ARTE  
COM UMA MOLDURA  
DE ALTA QUALIDADE.

A DELPHUS COLOCA A SUA DISPOSIÇÃO  
A EXPERIÊNCIA E A ARTE DE SEUS PROFISSIONAIS.

CRISTÓVÃO COLOMBO, 1.103 - FONE 22.32.32 - PORTO ALEGRE - RS

## VAMOS LUTAR JUNTOS!

Para Deputado Federal

## Omar Ferri



# Falsos amigos

A América Latina nunca mais será a mesma depois da Guerra das Malvinas. Esta frase tem sido ouvida com insistência nestes dias duros que envolvem o continente sul-americano numa batalha sem precedentes por uma remota e pequena ilha colonizada.

Desde o início dos episódios que resultaram no conflito, somaram-se várias e sucessivas surpresas. Primeiro, a invasão intempestiva dos argentinos tomando a ilha a força. Depois a reação desmensurada da senhora Thatcher formando uma armada fantástica e deslocando a chamada Força Tarefa por mais de 13.000 quilômetros em busca de desforra militar e a recuperação moral do Real Império Britânico.

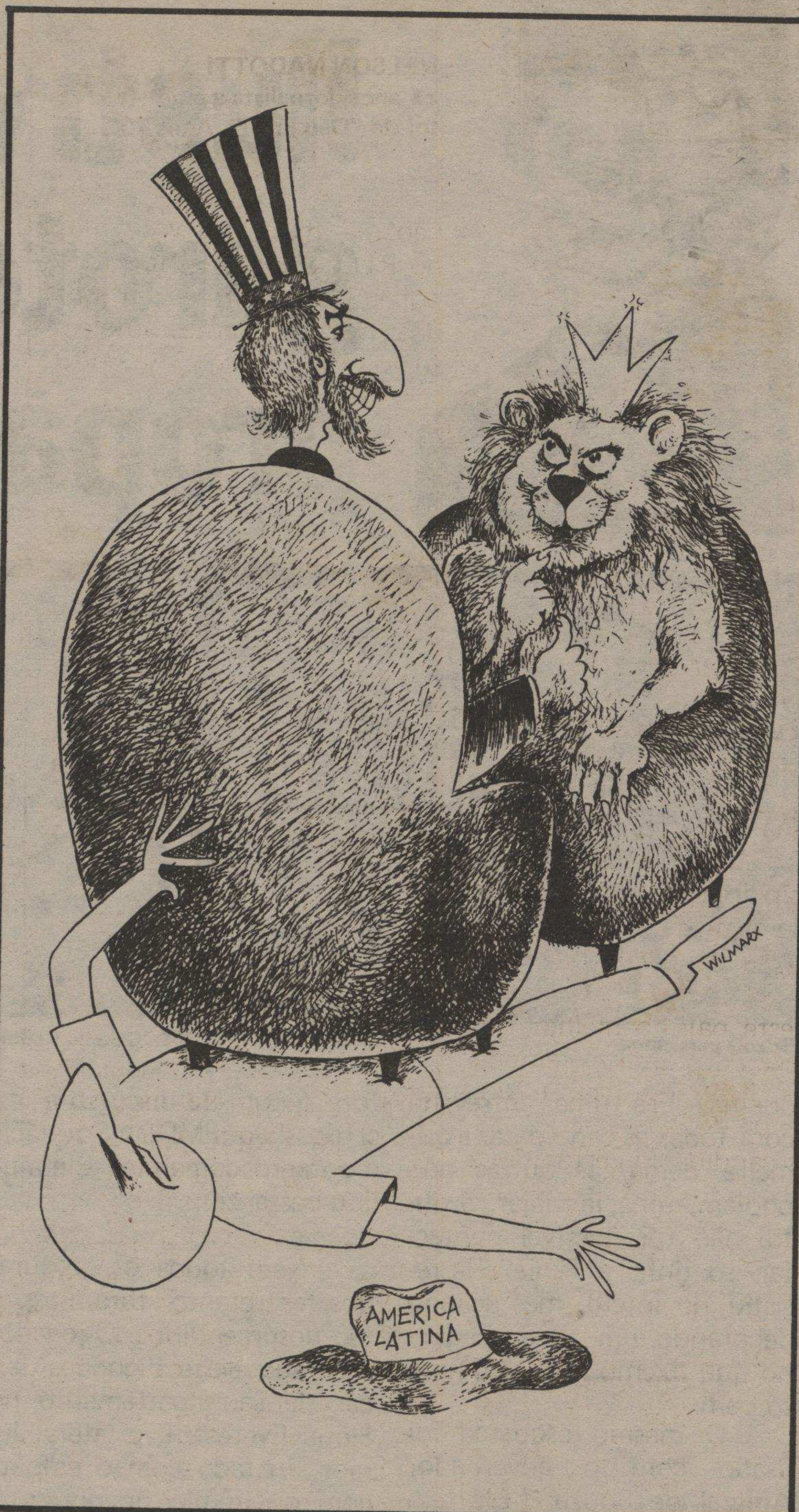
E, por fim, para espanto geral, a posição norte-americana, que, depois de tentar a mediação amigável entre os seus dois aliados, apoiou descaradamente a Inglaterra mandando para o espaço os princípios de defesa interamericanos.

Ideólogos da integridade do continente, bem apoiados por teorias e doutrinas de própria lavra, os norte-americanos representados pelo senhor Ronald Reagan

e seu fiel escudeiro general Haig, estão revelando de forma brutal ao mundo quão confiáveis são os princípios de sua diplomacia de ocasião. O general Galtieri, certamente inspirado por objetivos menos nobres, deflagrou um processo político cuja dimensão somente o distanciamento histórico poderá avaliar com maior exatidão.

A posição dos Estados Unidos na Crise das Malvinas abandonando a neutralidade em favor da Inglaterra, sob o pretexto de atender às determinações da ONU e do direito internacional, denunciou a grande farsa de Monroe e demonstrou com clareza, para os que disso nunca tinham duvidado, como o comportamento dos países latino-americanos foi sempre dócil às determinações dos norte-americanos.

Além disso, a rápida aproximação da Junta de Buenos Aires do movimento dos Não-Alinhados, com a significativa troca de correspondência entre os militares anticomunistas argentinos e o revolucionário — e outrora odiado e temido — presidente cubano Fidel Castro, demonstra, de certa maneira, a importância ainda não avaliada por todos os líderes la-



tino-americanos, da importância do papel exercido por Cuba como uma contestação viva e atuante do desprezo que os norte-americanos sempre tiveram pelo seu "quintal".

A América Latina nunca mais será a mesma. Os povos do continente descobriram rapidamente, via satélite, que a histórica servidão aos princípios americanos foi sempre uma trapaça forjada em nome de uma pretensa amizade entre os países pobres do sul com o seu rico e poderoso irmão do norte. Pena que isto tenha acontecido de forma tão insólita, patrocinada por uma ditadura sanguinária que tantas vezes colocou-se contra os interesses do povo, e que custe a vida de tantos jovens que poderiam dedicar sua energia na transformação desta realidade por outros caminhos, com mais tempo e menos sofrimento.

Mas a história quis assim. E que dela não esqueçam aqueles, que em qualquer tempo, tenham que ouvir nas tribunas continentais, em inglês, a doce exaltação aos compromissos interamericanos e, que entendam, sem fantasias, como a exaltação de uma velha e submissa amizade que sempre dedicamos aos nossos "amigos" do norte. (Jorge Polidoro)

**O brigue das idéias gostosas.**

Móveis. Louças. Cerâmicas. Palhas. Livros.  
Luminárias e aquelas coisinhas pra presente.

# tempos modernos

AV. INDEPENDÊNCIA, 925 FONE: (0512) 25.4453

ORNO

Cupom de assinatura  
Coojornal

Nome: \_\_\_\_\_  
End: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Estado: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

## Assine o Coojornal

### Ele agora está muito melhor

Mande o cupom de assinatura e um cheque nominal para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., no valor de Cr\$ 1.900,00, e receba em casa, por um ano, o seu Coojornal.

Coojornal, Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Fone: 335099  
Porto Alegre — RS





# Ilustres garotos propaganda

Descontraído, com ar simpático, o ministro Abi Ackel surpreendeu os telespectadores do canal 12 aparecendo inesperadamente no vídeo anunciando: "Na Zero Hora deste domingo estou falando sobre as reformas políticas". O flash se repetiria na sexta, sábado e domingo pela manhã. Abi-Ackel era o sétimo de uma lista de personalidades que desde março vêm reforçando a campanha publicitária da ZH comercial.

De Tania Simon a Leonel Brizola, passando por Amaral de Souza, o goleiro Leão, dom Cláudio Colling, Abi Ackel, — a cada fim-de-semana Zero Hora acrescenta um nome à sua lista de garotos propaganda ilustres.

Cada vez que a editoria do jornal entrevista uma pessoa importante, o departamento de promoções se encarrega de enviar uma equipe da TV Gaúcha para rodar um *take* com o entrevistado. O próprio chefe do departamento, o chargista Marco Aurélio Campos de Carvalho, 42 anos, pede ao entrevistado que diga, da forma mais descontraída possível, (e sem receber cachê) que o assunto estará na ZH dominical.

— Todos eles têm interesse em divulgar sua entrevista, explica Marco Aurélio, homem de confiança e amigo pessoal do diretor-presidente da RBS, Maurício Sobrinho.

— A Tania Simon foi a primeira a aparecer neste es-



Brizola participou



D. Cláudio Colling também

quema. Era uma entrevista com todas as candidatas a primeira dama, as outras não podiam, uma ia viajar, a outra não foi possível contactar, só tinha a Tania. Ela resistiu no início, mas acabou decorando um texto pequeno que fizemos e se saiu muito bem.

O mesmo esquema foi usado com o governador Amaral de Souza. "Ele tem uma imagem de homem sisudo", lembra Marco Aurélio. Autor de muitas charges satirizando a imagem ou atitudes do governador, Marco Aurélio não teve qualquer constrangimento em levar a equipe da TV ao Palácio Piratini e convencer Amaral de Souza. Mais do que isso, levou Amaral para os jardins, pediu que ele tirasse a gravata e ainda deu a linha de texto.

teve o tom de discurso e fez críticas ao PMDB. Foi fácil montar o comercial. Ele ajudou bastante.

Nem todos os procurados, entretanto, foram assim tão desprezados. O jogador Zico sequer se dignou a descer de seu apartamento no Hotel Everest. E o lateral Júnior, irritado com o empate com o Grêmio no dia anterior, usou palavras agressivas com Marco Aurélio.

Em Buenos Aires, onde o repórter Danilo Ucha tentou entrevistar um militar argentino, os planos tiveram que ser mudados, em função da negativa do Estado Maior das Forças Armadas. Mas a equipe da TV Globo, contratada via convênio com a RBS, terminou gravando com um popular no centro da capital

argentina: "Toda la realidad de las Malvinas está en la Zero Hora Dominical".

Entre os entrevistados — mesmo sem pagamento pela propaganda — também parece não haver reclamações. Por exemplo, o deputado Airton Vargas (PDS) acredita que foi uma boa oportunidade para divulgar sua entrevista a respeito da questão da mesa da Assembléia, episódio em que saiu vencedor.

Marco Aurélio atribui o sucesso da promoção à credibilidade alcançada na última década pela Zero Hora e a



Amaral tirou até a gravata



Tania Simon resistiu no início



"Todos têm interesse" diz Marco Aurélio, do Departamento de Promoções de ZH

Foto: Luiz Eduardo Achutti

RBS. Mas destaca que "a gente não toca flauta em ninguém, nem faz oba-oba". Realmente, a característica de trabalho de seu departamento tem sido a imaginação e o arrojo. O que, às vezes, pode causar alguns problemas, como é o caso da contratação — agora sim com pagamento de cachê — do goleiro Leão para comentar os jogos da Copa do Mundo. Com base na regulamentação profissional dos jornalistas, o Sindicato da categoria entendeu que o goleiro não atende às exigências legais, como a formação superior no ramo. E tornou pública uma carta enviada a Leão, solicitando ao jogador que mantenha a mesma postura de defesa profissional que apregoa entre os atletas profissionais.

Há 18 anos, quando a Última Hora foi fechada pelo regime militar, e reaberta logo depois com o nome de "Zero Hora", tinha a fama de "um jornal que sai sangue quando a gente espreme". Em 1970, quando Maurício Sirotsky Sobrinho assumiu o controle acionário, criando a RBS — junto com a Rádio Gaúcha e o canal 12 — se iniciava um longo processo de conquista de uma imagem confiável. Essa visão empresarial sofreu alguns percalços (por exemplo, o fechamento do vespertino Hoje, em 1975). Mas a empresa não parou de crescer. A Zero Hora, segundo seus diretores, não vende menos que 100 mil exemplares diários. No dia oito de maio, Sirotsky foi à televisão para falar do recorde de 172 mil exemplares de tiragem na segunda-feira anterior. Ainda no mês passado, Marcos Dvoskin viajou aos Estados Unidos para buscar mais cinco unidades para reforçar o esquema gráfico. Contando ainda com mais nove canais de televisão no Estado e três em Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau e Joinville); rádio FM em Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria, Passo Fundo, Florianópolis e Brasília; e agora quatro emissoras funcionando em AM (Gaúcha, Farroupilha, Metrópole e Alvorada de Brasília), a RBS simplesmente não se preocupou com uma afirmação de Dona Dulce Figueiredo numa das últimas edições da revista Veja. A primeira dama do país dizia que não gostava da própria Veja e dos jornais O Globo e Zero Hora porque eram mentirosos. "Os nossos entrevistados desmentem isso", assegura o chargista Marco Aurélio.



A sala é luxuosa e cuidadosamente decorada com globos terrestres feitos em cristal e souvenirs exóticos de todas as partes do mundo. A mesa, ampla, de jacarandá, está constantemente recoberta por cartas escritas em quase todas as línguas que se falam no planeta. Nas paredes, um retrato do presidente e uma bandeira do Brasil la-deando uma bandeira branca e roxa da FIFA (Federacion Internaciole de Football Association). Sentado na enorme cadeira de couro preto, o presidente da entidade: Jean-Marie Havelange, brasileiro por casualidade.

— É um homem importante, instruído e viajado: conhece todos os países do mundo, menos seis; tem mais de 21 mil horas de vôo. Praticamente sozinho, decide os destinos do futebol mundial desde que foi eleito presidente da FIFA, em 1974, dias antes do início da Copa da Alemanha. Reeleito na Argentina, em 1978, foi confirmado no cargo por mais quatro anos, três dias antes do início da Copa da Espanha.

A entrevista foi exclusiva. Os repórteres — eles próprios não hesitaram em contar, mais tarde — sentiam-se "como redatores da *Gazeta Mercantil* na ante-sala da Galraith ou fotógrafos da *Ele e Ela* aguardando os segredos de Xuxa". Estavam nervosos. Mas ouviram Havelange falar com a voz calma e pausada de sempre. E voltaram para a redação com uma declaração "quente", importante, do homem que manda no futebol mundial:

— Tenho corrido o mundo de norte a sul, de leste a oeste, e posso afirmar com segurança que não existe nenhuma televisão que dará uma cobertura tão séria e tão ampla ao futebol da Copa quanto à Rede Globo — disse Havelange. — Queria aproveitar a oportunidade e agradecer ao meu amigo Dr. Roberto Marinho, em nome do futebol mundial. Essa dedicação de cumprir um compromisso internacional com tamanha grandeza, deve servir de exemplo para todos os veículos de comunicação do país. É motivo de orgulho para todos nós do Brasil saber a importância que a Rede Globo está dando à Copa e à difusão da imagem do futebol.

Os repórteres, lógico, eram da TV Globo. E a declaração de Havelange foi publicada no tablóide **Globo na Copa**, editado em off-set pela Central Globo de Jornalismo e distribuído para todos os setores da empresa que foram "convocados para Copa", numa tiragem semanal de cinco mil exemplares. A reportagem com o presidente da FIFA aparece com destaque na última página do número sete do boletim. O título é sugestivo: "Havelange, o dono da Copa".

Basta, porém, analisar todo o enorme esquema de produção montado pela Globo que o título soa quase irônico: o verdadeiro dono da



# A BOLA DA COPA

*Por um mês, a Globo vai mandar no país*

Por Eduardo Bueno

Copa, pelo menos no Brasil, não é Havelange e sim o dono da Globo, Roberto Marinho. Com a exclusividade das transmissões assegurada, a TV Globo decidiu transformar a Copa num negócio no qual vai investir cerca de Cr\$ 500 milhões e faturar, talvez, 10 vezes mais. Além do lucro fabuloso, firmará um prestígio que certamente lhe garantirá por muitos anos mais o monopólio da audiência brasileira em âmbito nacional. Prestígio, aliás, que já teve forças para resistir, inclusive, às pressões do governo para romper o monopólio da Copa.

## Um arquivo inteiro levado para Madrid

Mas não há que negar: a Globo está sendo extremamente competente. Será a única televisão do planeta a possuir suas próprias câmaras nesta compeonato mundial. E não serão poucas: em cada jogo do Brasil, a emissora terá três câmaras exclusivas — para registrar, por exemplo, "flashes da torcida brasileira quando a imagem gerada pela TV Espanhola estiver mostrando uma bola fora" —; nos seis jogos mais importantes da fase de classificação (Argentina x Bégilca, Itália x Polônia, Inglaterra x França, Argentina x Hungria, Espanha x Iugoslávia e Alemanha x Áustria), serão duas câmaras exclusivas e, finalmente, em outros 23 jogos classifi-

catórios, uma câmara transmitindo imagens que só serão vistas no Brasil. Somente três jogos da fase de classificação a Globo se contentará em reproduzir apenas as imagens geradas pela TV Espanhola. E à medida que o número de jogos for diminuindo, a emissora promete aumentar ainda mais o número de flashes exclusivos em suas transmissões.

A comunicação das sucursais que a TV Globo montou em Madrid, Sevilha e Barcelona com a matriz, no Rio, seguirá o mesmo esquema de exclusividade: a emissora também será a única do mundo a possuir uma linha exclusiva de satélite, à sua disposição 24 horas por dia. Em Madrid, onde a Globo montou, no Hotel Convención, uma sucursal de dois andares — completa e equipadíssima —, haverá nove linhas telefônicas diretas para o Brasil. Tais linhas — iguais a outras quatro instaladas em Sevilha e mais quatro em Barcelona — dispensam até o uso do DDI: basta levantar o fone e o contato com o Rio é imediato. Uma equipe de telefonistas estará disponível 18 horas por dia.

Quanto à comunicação por telex, os números são ainda mais expressivos: a emissora terá à sua disposição 30 ramais de telex, numa rede — é lógico — privada. Um desses telex estará diretamente conectado com o Centro de Documentação do Rio. Assim, os editores podem localizar sem nenhuma interferência imagens para as edições feitas na Espanha. Afinal, na

sucursal de Madrid haverá duplicatas de todas as imagens que fazem parte do extremo arquivo de futebol internacional da Globo.

## Aviso aos repórteres: "Leiam Cervantes"

Com 133 profissionais trabalhando na Espanha — entre repórteres, produtores, editores, diretores e técnicos —, todos eles recebendo uma diária de 90 dólares (aproximadamente Cr\$ 15 mil diários), além de terem ganho os salários de maio e junho adiantados, para cobrir as "despesas particulares" — a TV Globo promete fazer uma transmissão impecável.

Para isso, uma equipe de produção parece ter pensado em tudo. Como em Madrid os restaurantes fecham às 23h30min, a emissora fez um acordo com a direção do hotel Convención para que todas as noites e madrugadas haja um serviço especial de buffet, à espera dos fatigados jornalistas. Todos eles, antes de embarcarem para a Espanha — num êxodo que iniciou-se desde o dia 1º de maio —, passaram por um check-up médico completo, pois a empresa não pretendia "ser surpreendida por baixas em plena Copa". A meticulosidade foi tanta que o editor Woile Guimarães chegou a sugerir aos repórteres que iriam viajar que lessem *Dom Quixote* e observassem os quadros de Velasquez, "para conhecerem melhor a alma espanhola".

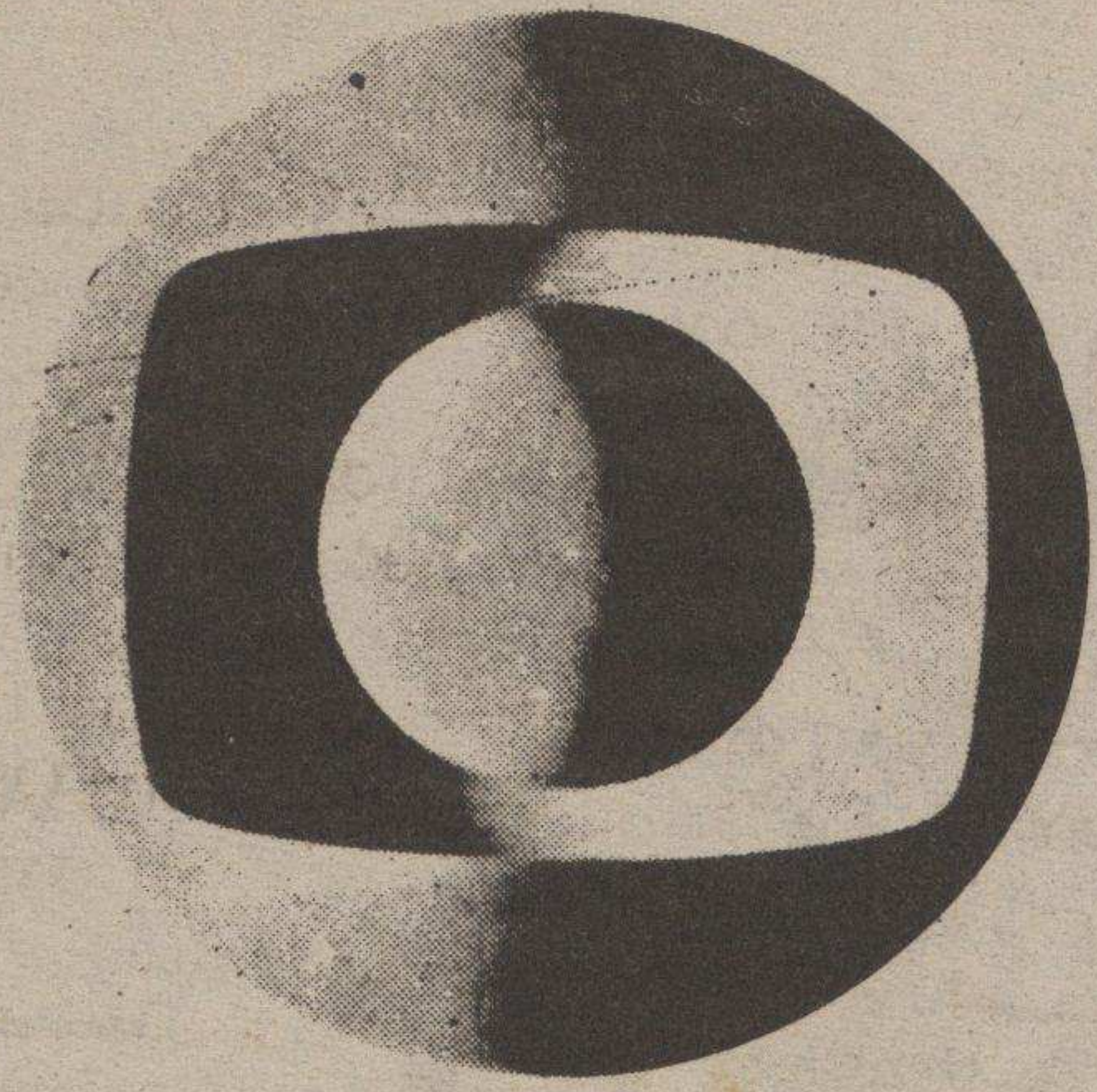
Para movimentar-se sem depender das conduções oficiais oferecidas pelo Comitê Organizador da Copa, a Globo alugou vinte carros: oito furgonetas da Mercedes Benz para o transporte das equipes de repórteres e editores, seis UPJs (Unidades Portáteis de Jornalismo, caminhonetes que transmitem matéria diretamente dos estádios para as sucursais) e seis carros para o pessoal da diretoria e chefias administrativas. Todos esses veículos terão motoristas oito horas por dia. A TV Globo será a única emissora do mundo a ter pelo menos um repórter e uma câmara em todas as sedes do Mundial. Quer dizer: todas as 24 seleções receberão cobertura.

## "Não temos o direito de falhar"

— A seleção brasileira tem o direito de perder. A Globo não tem o direito de falhar — costuma dizer constantemente o chefe da equipe de jornalismo da Globo, o cronista Armando Nogueira.

Para não falhar, a Globo, de fato, se preparou. A tal ponto que uma lista de **stands-by** (progra-





# "A Imagem e o som da Globo só podem ser utilizados pela TVE"

O ofício de Roberto Marinho à TVE-RS, com as exigências da Globo:

Rio de Janeiro, 20 de maio de 1982  
Ilmo. Sr. Presidente da TV Educativa do RS  
Prezado Senhor:

De acordo com entendimentos mantidos com o Excelentíssimo Senhor Ministro do Estado de Educação e Cultura, vimos, pela presente, confirmar a permissão da TV Globo Ltda. para que esta emissora utilize, gratuitamente, a imagem e som das transmissões que a TV Globo Ltda. fará, diretamente da Espanha, dos jogos da Copa do Mundo de Futebol, a ser promovida pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Association), na Espanha, em 1982.

Fica entendido que as condições estabelecidas pela TV Globo Ltda. para cessão dos seus sinais, são as seguintes:

1) A TVE-RS, poderá transmitir a imagem e o som da TV Globo do Rio de Janeiro a partir do momento em que esta entrar no ar, com a imagem, diretamente do campo, na Espanha, para a transmissão das partidas de futebol, conforme recebida na cidade de Porto Alegre pela Embratel.

2) A TV Globo anunciará, em cada tempo e antes do jogo, o nome do sistema brasileiro de Televisão Educativa como participantes da transmissão.

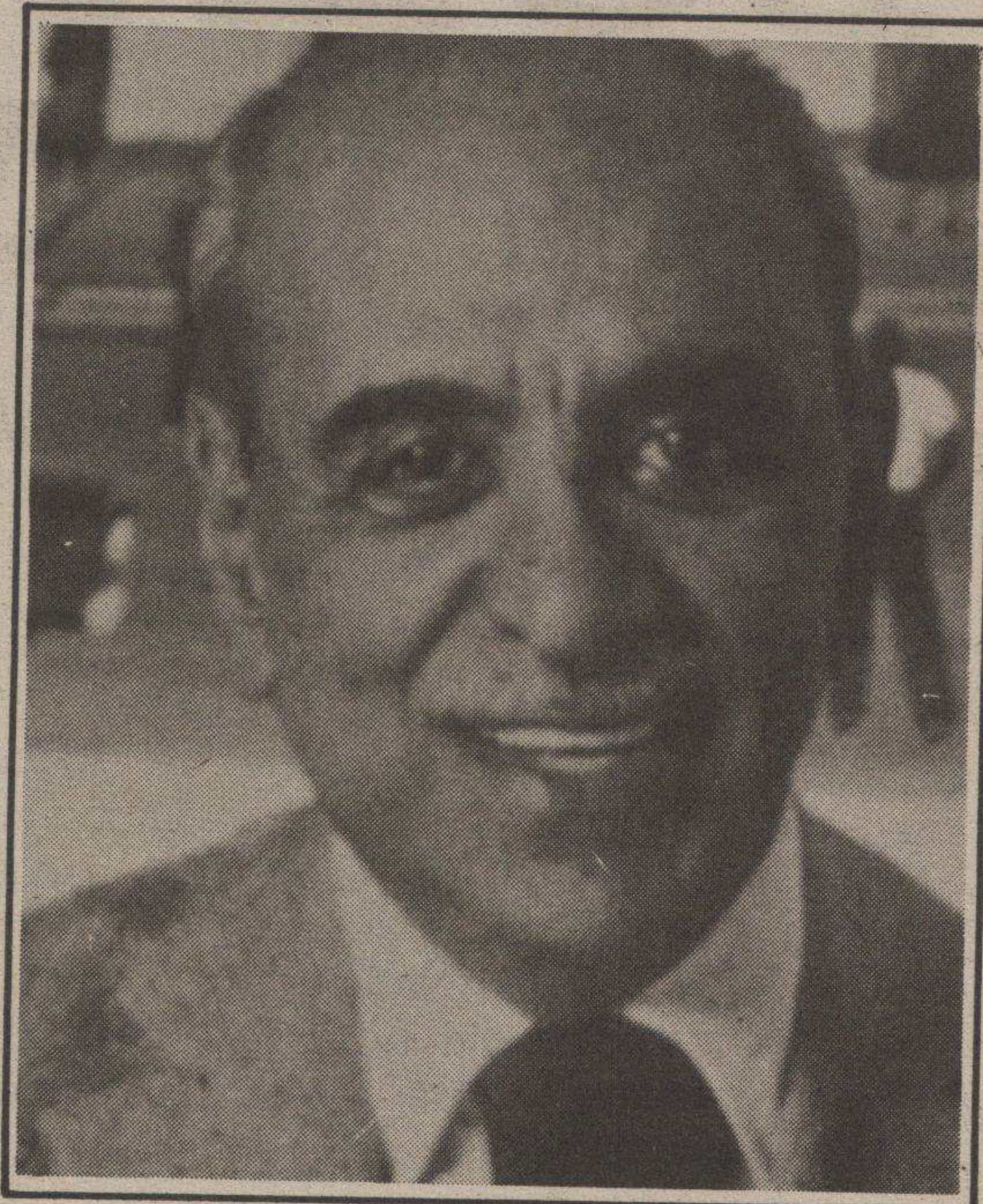
3) A imagem e o som da TV Globo Ltda. só poderão ser utilizados pela TVE do Rio Grande do Sul.

4) A recepção direta do ar e retransmissão da imagem da TVE-RS, por qualquer outra emissora, exceto as retransmissoras que retransmitirem legal e automaticamente a imagem dessa emissora, depende da prévia e expressa autorização da TV Globo Ltda.

5) Em todas as transmissões efetuadas pela TVE-RS, poderão ser transmitidas, enquanto durarem os intervalos comerciais da REDE GLOBO, entre o 1º e 2º tempo das partidas, chamadas promocionais da TVE-RS, filmes governamentais ou qualquer outro material de publicidade institucional que ela deseje, de tal maneira que, enquanto a TV Globo emitir seus comerciais, a TVE-RS exibe publicidade não comercial. Para tal, a TV Globo enviará expediente indicando a duração de seus intervalos e a exata posição.

6) As transmissões das partidas gravadas em video-tapes serão efetuadas pela TVE-RS, quando e se geradas pela TV Globo e simultaneamente com estas. A TV Globo comunicará à TVE-RS, com a devida antecedência, o seu plano de transmissões das partidas diferidas e simultâneas.

7) A TVE-RS poderá divulgar, como material jornalístico apenas 3 (três) minutos dos jogos transmitidos diretamente ou em video-tape,



Roberto Irineu Marinho  
Vice-Presidente

do Campeonato Mundial de Futebol, ficando vedada a exibição de qualquer outro material gravado em qualquer tempo.

8) A TVE-RS não poderá ceder qualquer tipo de material referente ao Campeonato Mundial de Futebol, previsto nesta carta contratual, a qualquer emissora, seja educativa ou não.

9) A TVE-RS não poderá por qualquer despesa ou custo decorrente das transmissões de que trata a presente carta contratual, exceto os eventuais custos locais de recepção dos sinais da TV Globo.

10) O não cumprimento de qualquer uma das cláusulas da presente carta contratual determinará o cancelamento da permissão para utilização da imagem e do som das transmissões ainda por fazer pela TV Globo, dos jogos da Copa do Mundo de Futebol.

11) A TVE-RS poderá sobrepor mensagem a fim de cobrir as "superposições publicitárias inseridas pela TV Globo, para tal sendo comunicada do teor das deixas utilizadas pela TV Globo.

A permissão contida na presente carta contratual apenas vigorará após a devolução de cópia da presente com o "de acordo" da TVE-RS, devidamente firmado por representante legal dessa entidade.

Aguardando resposta dessa emissora, aproveitamos a oportunidade para apresentar as nossas atenciosas saudações.

mas alternativos que entrarão imediatamente no ar, caso haja algum problema de satélite, edição ou transmissão) já está completa e programada para cada minuto das 150 horas de futebol que a emissora levará ao ar de 13 de junho a 11 de julho.

Alguns pontos fracos da cobertura "global", no entanto, certamente serão explorados por seus desfavorecidos concorrentes. E a principal ameaça que a uniformidade das transmissões da TV Globo sofrerá começou a nascer depois que a própria empresa decidiu — por interesses políticos — compartilhar a sua exclusividade milionária com a Rede de Televisões Educativas. Apesar da rigidez do contrato redigido pela Rede Globo (veja detalhes mais adiante), as TVEs de todo o Brasil estão dispostas a lutar por uma fatia do público que estará ligado na Copa (o que equivale dizer: 99% dos brasileiros que tiverem acesso a um aparelho de TV).

— Nós vamos jogar em cima da raiva que muitas pessoas têm da Globo — diz um free-lancer contratado pela TVE do Rio Grande do Sul especialmente para os programas ligados à Copa.

Provavelmente uma opinião assim tão irada não possa ser estendida ao resto da equipe da TVE do Rio Grande do Sul. Mas uma coisa é certa: mesmo tendo montado a sua equipe de esportes há apenas um mês, a TVE-RS preparou-se para conquistar uma parcela significativa dos telespectadores gaúchos e "roubar" o máximo possível da audiência da Globo.

## Um furo: surgem alternativas

— Logicamente nós não procuraremos concorrer diretamente com a Globo, já que não somos uma emissora comercial nem temos interesse nos números do IBOPE. Mas certamente nós nos assumiremos como a emissora alternativa para a Copa. Somos a outra opção dos gaúchos. E encaramos essa situação com muita confiança e satisfação — assegura Enio Rocha, o diretor de programação da TVE.

Na verdade, a idéia da TVE é colorir o enfoque massificado que a Globo dará à Copa. E, para comprovar que será, de fato, uma emissora alternativa, programou especiais extrafutebol para apresentá-los no mesmo horário em que a TV Globo estará levando ao ar programas essencialmente futebolísticos.

Por exemplo: para competir contra o Bate Bola — debate dirigido pelo próprio Armando Nogueira e apresentado à noite, depois dos jogos do Brasil — a TVE levará ao ar um especial com o jamaicano Peter Tosh, o mais inspirado seguidor de Bob Marley. Na hora das informa-

ções absolutamente especializadas do Globo na Copa, apresentará um espetáculo do Balé Guaíra. Na hora do Quem é Quem (programa da Globo que pretende apresentar todos os times que estarão disputando a Copa), um show de Grande Otelo...

— Mas não é só isso. Atualmente a TVE dedica oito de suas 18 horas diárias de programação à criança. No momento em que a TV Globo nos cedeu a transmissão da Copa, nós percebemos que iríamos invadir o horário que as crianças haviam conquistado aqui dentro. Então decidimos fazer uma cobertura da Copa muito voltada a elas, já que os jogos serão à tarde. Por isso, acredito que vamos implantar uma linguagem nova, para as transmissões esportivas na TV. É ligar para ver... — revela Rocha.

Mas os problemas e pontos fracos da Globo — pelo menos no Rio Grande do Sul — não terminam aí. É fato conhecido a relativa aversão que os gaúchos têm ao áudio da TV Globo, atualmente entregue ao narrador Luciano do Vale e aos comentaristas Márcio Guedes e Juarez Soares. Esse problema, aliás, não se restringe unicamente ao Rio Grande do Sul. Pelo sotaque e pelas opiniões notoriamente cariocas de seus profissionais, a TV Globo perdeu muita audiência nas transmissões esportivas, especialmente em São Paulo. Lá, o narrador Sílvio Luiz, da TV Record — que costuma, a cada lance importante, exclamar "Pelo amor de meus filhinhos" e outras frases igualmente esdrúxulas — tem roubado muita audiência da Globo. Foi esse fato que possibilitou a reabilitação do repórter Juarez Soares — que havia sido sumariamente demitido da TV Globo, em 1979 — e que, com seu sotaque de paulista do interior, vem ganhando cada vez mais espaço nas transmissões que a Globo já está fazendo da Espanha. Mesmo assim, ao receberem a notícia de que Sílvio Luiz vai narrar a Copa pela Rádio Record — e que



Armando Nogueira: "A Seleção pode falhar. A Globo, não."





o fará como se estivesse narrando pela televisão — os homens da Globo, sem dúvida, devem ter se preocupado bastante.

No sul, esse problema de áudio também não foi solucionado. Sabe-se que durante a primeira partida entre Grêmio e Flamengo, nas finais do Campeonato Brasileiro, em abril passado, os gaúchos não resistiram às opiniões constantemente favoráveis ao Flamengo veiculadas pelos comentaristas, repórteres e pelo narrador da TV Globo. Foram muitos os que baixaram o volume de seus televisores e preferiram a narração mais emocionada e igualmente parcial (mas para o lado do Grêmio), das rádios Gaúcha e Guaíba.

Veterana de sete Copas, ainda não será desta vez que a Rádio Guaíba poderá fazer uma transmissão conjunta com sua irmã mais moça, a TV Guaíba. Por causa da desistência da TV Cultura de São Paulo, a TV Guaíba — inaugurada em princípios de 1979 e que, desde lá, jamais deixou de transmitir um jogo da seleção brasileira — continuará virgem em Copas do Mundo. Com praticamente a mesma equipe tanto para a rádio quanto para a televisão, a Guaíba restará apenas uma opção: tentar colocar o seu som sobre a imagem da Globo.

— E, felizmente, esse já é um hábito consagrado entre os gaúchos — assegurava, dias antes do início da Copa, o chefe de esportes da Guaíba, Armindo Antônio Ranzolin, falando diretamente de Madrid, pela linha de serviço de sua rádio. — A Guaíba faz eco nos estádios e também na cidade, mesmo quando os jogos são transmitidos pela televisão. Os gaúchos estão acostumados às transmissões dinâ-

micas e extremamente bem informadas da Guaíba. Tenho certeza de que a maioria das pessoas verá os jogos pela televisão, mas certamente os ouvirá pela Guaíba. Mas, de qualquer maneira, é preciso registrar que a nossa TV foi injustamente afastada da transmissão desta Copa. E isto é lamentável.

Na verdade, com uma equipe muito pouco acostumada à linguagem da televisão, a Guaíba poderá tirar vantagens desta impossibilidade de transmitir a Copa pela TV e concentrar seu poder de ação na rádio, o carro chefe da Caldas Júnior em todas as Copas.

Mas mesmo assim, nem todos concordam com o fato de que o som da Globo geralmente é substituído pelo das rádios. "Não existe nenhuma pesquisa que prove isso", afirma, categórico, Fernando Miranda, o diretor executivo da TV Gaúcha. "Minha experiência pessoal e profissional também não comprova essa tese. Em todos os lugares onde vou e vejo as pessoas assistindo os jogos pela TV, elas estão sempre ouvindo o áudio da própria TV".

Mas a verdade é que essa questão chegou a criar uma situação bastante melindrosa dentro da própria Rede Brasil Sul, à qual pertencem a rádio e a TV Gaúcha. Acontece que a RBS vai colocar telões espalhados pela cidade, transmitindo a imagem da TV Globo. Mas e o áudio? O da rádio Gaúcha, com um estilo descontraído, popular, comandado pelo narrador Haroldo de Souza? Ou o som "imparcial" e bem comportado da TV Globo? A resposta gera tanta polêmica que nem mesmo a própria empresa tomou uma decisão.

## "Vamos captar até os gritos de Telê"

Mas se os concorrentes da Globo estão pensando que a empresa desconhece os problemas de áudio que costuma enfrentar fora do Rio de Janeiro e descuidou-se deste aspecto, estão absolutamente enganados. Considerado um "repórter do som", Antônio Faya, que trabalha há 18 anos na Globo, foi encarregado de inovar o áudio da emissora. Consciente de que "falta um pouco de rádio" às transmissões frias e distanciadas da Globo, Faya armou um esquema especial para a Copa:

— Queremos marcar o nosso trabalho com o som ambiente; queremos captar o Telê gritando, orientando o time, vamos registrar as reclamações dos jogadores, os lamentos do goleiro. Esses sons poderão deixar a marca registrada do nosso trabalho. Além de usarmos uma parabólica para captar os mínimos ruídos do jogo, nossos repórteres usarão ainda um microfone sem fio, na lapela.

Como se sabe, será pratica-

mente impossível conseguir entrevistas de jogadores ou técnicos, antes, durante ou depois dos jogos. Tais entrevistas só serão feitas nas "janelas", durante os treinos e nas concentrações. A Globo, entretanto, vai tentar conseguir depoimentos exclusivos graças aos microfones sem fio, colocados na lapela dos paletós (desenhados e costurados pela equipe do costureiro Clodovil) de seus repórteres. "De repente, algum deles consegue entrar em campo e, sem espalhafato, com calma, registra, por exemplo, uma palavra do Telê. Essa será uma vitória inestimável para nós", diz Faya.

A essa altura, é bom lembrar que qualquer uma dessas "vitórias inestimáveis" que poderão ser alcançadas pela Globo, serão automaticamente aproveitadas pelas TVEs, que estarão retransmitindo som e áudio da Globo. Tal caso, logicamente, não serve para a TV Guaíba, definitivamente alijada da Copa. Daí, a irritação e os protestos do diretor Ranzolin, que não vê atenuantes nem mesmo no fato da Globo ter cedido sua imagem e som às TVEs:

— Nós lamentamos muito o fato de não podermos dar ao público gaúcho uma opção de escolha. Na minha opinião, a TVE, de forma alguma pode ser considerada uma outra opção, uma vez que o contrato que a prende à Globo é rigorosíssimo. Pessoalmente, considero a exclusividade cedida à TV Globo injusta e até perigosa. Afinal, será a primeira vez na história deste país que uma única rede comercial terá a exclusividade de um evento tão importante quanto uma Copa do Mundo. Um evento que significa a participação mais importante da seleção brasileira que, sem dúvida, é um patrimônio nacional e na qual o Governo investe tanto dinheiro e tanto incentivo. Não entendemos como, após dar tamanho apoio financeiro e moral à seleção, o Governo a entrega exclusivamente a uma única rede comercial. A seleção pertence a todos nós; não pode ser monopolizada desta forma. Isso é bastante injusto. Nós simplesmente fomos pegos de surpresa pela desistência da TV Cultura de São Paulo e, como somos uma rede independente, não pudemos participar do enorme jogo de interesses que cercou a comercialização desta Copa — conclui Ranzolin.

— O que a Rede Globo fez ao conseguir a exclusividade desta Copa pode ser resumido em duas palavras: eficiência empresarial — rebate Carlos Queirós Telles, diretor de programação da TV Cultura de São Paulo. — Além disso, acrescenta, a TV Globo ainda deu um golpe magistral de relações públicas ao ceder sua exclusividade à Rede de Televisões Educativas. As outras redes não têm o que reclamar. A Globo foi mais rápida e mais eficiente, agindo sempre dentro da lei.

Não se trata, de forma alguma, de tentar defender a emissora. Essa é apenas uma análise realista.

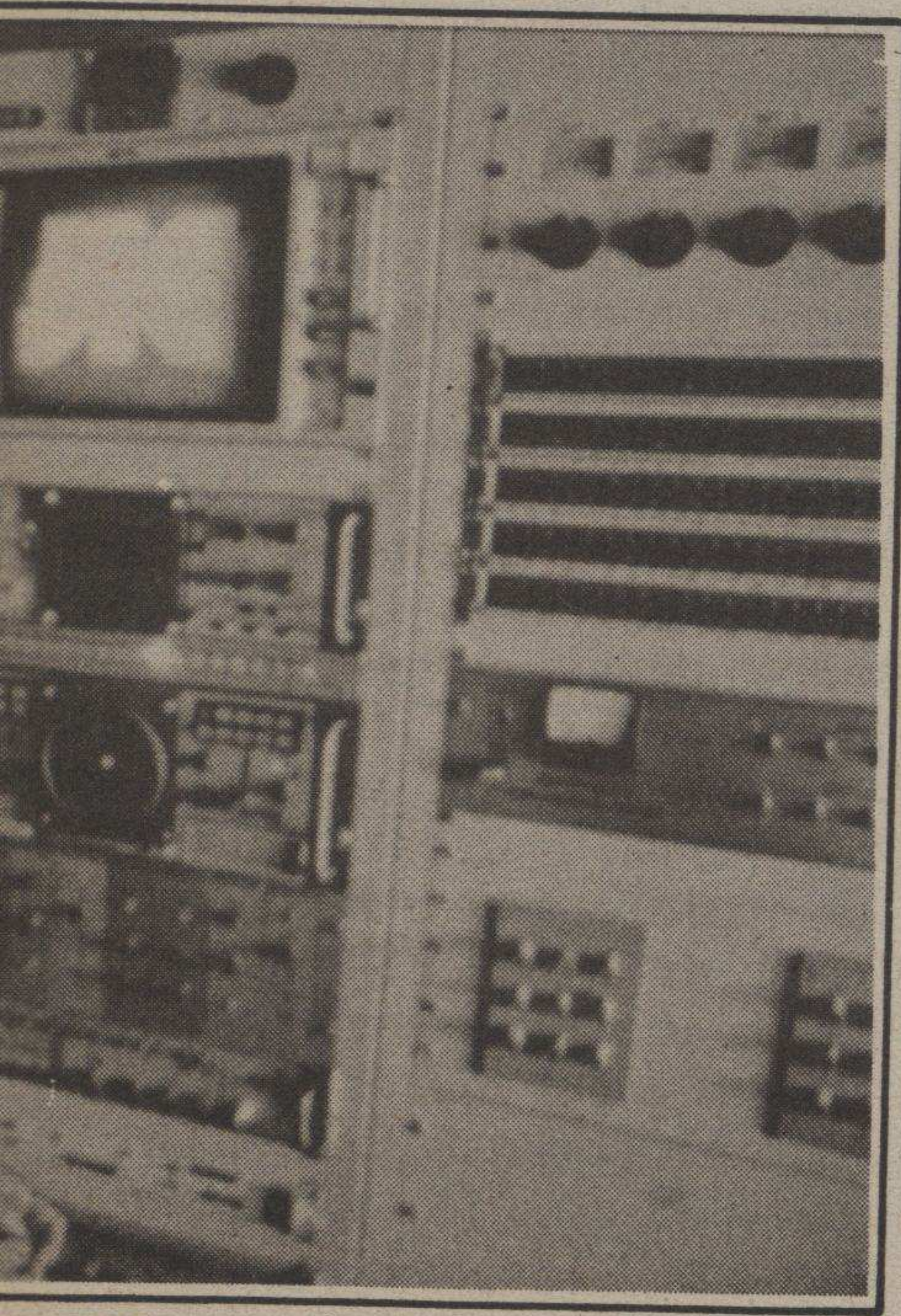
A história que conduz à exclusividade conseguida pela Globo começa com a invasão russa ao Afeganistão e o conseqüente boicote dos Estados Unidos às Olimpíadas de Moscou. Quando os EUA anunciaram o boicote, muitas redes de televisão do mundo inteiro decidiram abrir mão da transmissão dos Jogos Olímpicos. A Organização de Televisão Ibero-Americana OTI —, que, junto com duas outras grandes entidades mundiais, distribui grandes eventos esportivos para as redes de televisão de todo o planeta para forçar suas filiadas a não desistirem da transmissão das Olimpíadas, resolveu juntá-las num único pacote, com a Copa do Mundo. Quem quisesse comprar a Copa de 82, deveria, antes, comprar as Olimpíadas.

No Brasil — que sempre paga mais caro por esses eventos do que seus vizinhos latino-americanos (porque o preço é rateado de acordo com o PIB de cada país) —, a Rede Globo e a Rede Bandeirantes compraram o pacote. Num enorme engano empresarial, a Bandeirantes abriu mão das Olimpíadas ("certamente não apostando na validade da determinação da OTI", segundo Queirós) e vendeu seus direitos para a TV Cultura de São Paulo que, por sua vez, revendeu-os a sete emissoras independentes do Brasil inteiro, entre as quais a TV Guaíba.

Em novembro de 1980, cinco meses depois das Olimpíadas, a TV Cultura de São Paulo recebeu uma ordem de pagamento fulminante: a OTI lhe dava 40 dias para depositar Cr\$ 80 milhões, a primeira parcela do pagamento da Copa. "Era fim de ano, estávamos com os recursos orçamentários fechados, os cofres vazios. Não pudemos manobrar. Tentamos fazer acordos com a TV Nacional de Brasília e com outras redes independentes. Mas elas não tinham dinheiro também. Tivemos que abrir mão da Copa", conta Queirós.

A poderosa Globo, porém, não teve problemas. Pagou os seus Cr\$ 80 milhões e, um dia após ter se expirado o prazo de pagamento cedido à TV Cultura, pagou também os Cr\$ 80 milhões da emissora concorrente e começou a assegurar a sua exclusividade. Meses mais tarde, pagou as duas cotas seguintes, Cr\$ 60 milhões cada uma. Já em 82, a Globo pagaria as duas últimas cotas, Cr\$ 40 milhões cada. Ao todo, a empresa pagou Cr\$ 360 milhões, que foram pagos em francos suíços.

Com a exclusividade assegurada — a TV Globo não quis nem conversar com as emissoras independentes que ainda tentaram comercializar a Copa com ela —, a Globo começou a vender a sua Copa e também a esquematizar sua transmissão. Por uma questão de





marketing, a empresa decidiu comercializar o evento apenas para quatro patrocinadores: quatro cotas de seis milhões de dólares, num total de 24 milhões de dólares ou Cr\$ 4 bilhões e 800 milhões, aproximadamente.

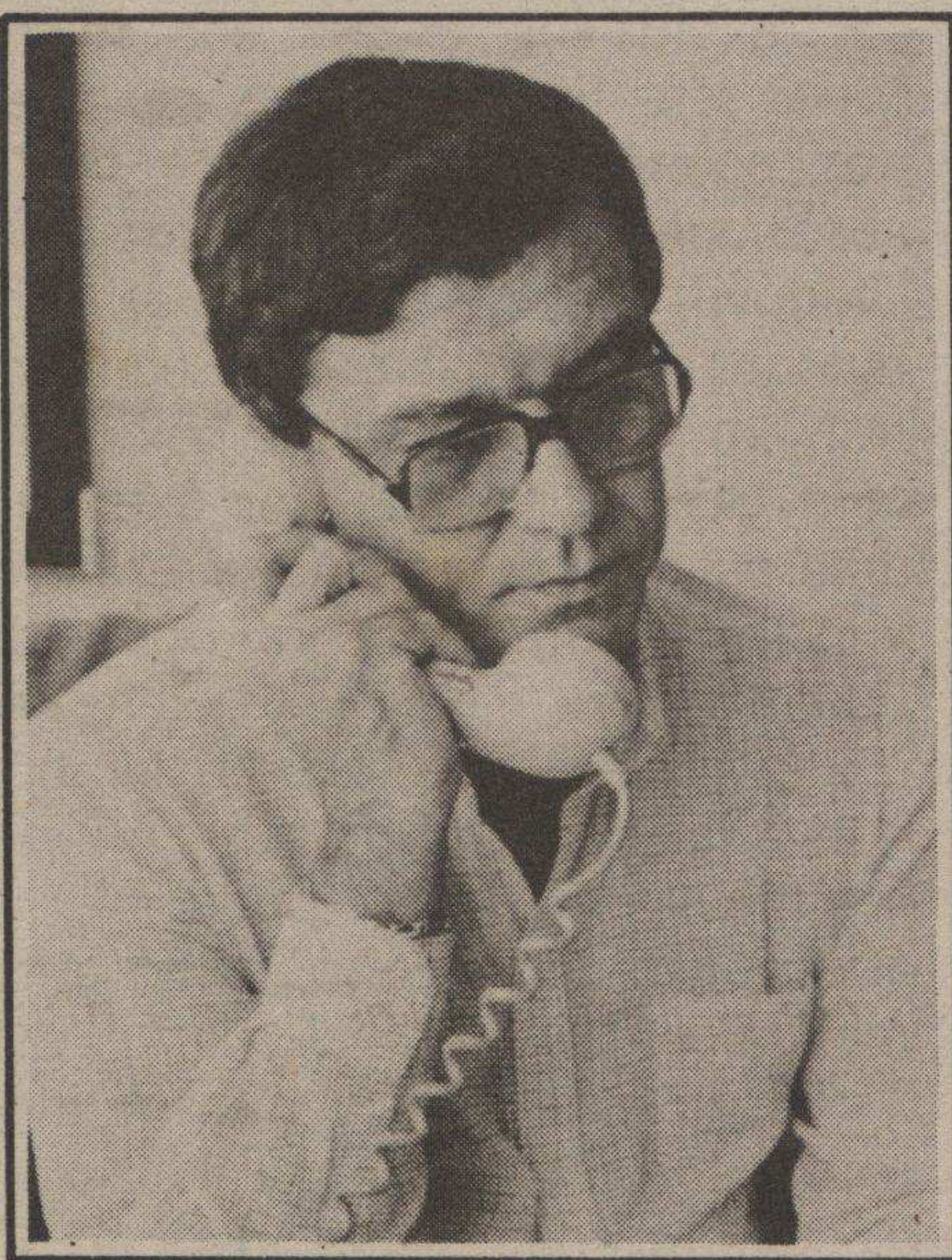
O problema é que nada mais nada menos de 12 empresas (quase todas multinacionais, é claro), propuseram-se a pagar o preço estipulado pela Globo. Criou-se uma situação tão confusa que a emissora teve apenas uma solução: apelar para o sorteio. Nele, deu o que todos já estão cansados de saber por causa da repetição interminável dos anúncios: Topper, Pepsi, Souza Cruz e Volkswagen. Cada uma delas começou a pagar os seus seis milhões de dólares em 1981. Ao todo serão dez prestações, a maioria das quais já está saldada.

Mas a Globo não parou de ganhar dinheiro aí. Pelo contrário: a empresa decidiu criar uma série de chamados "subprodutos" da Copa: programas, esportivos ou não, ligados ao Mundial. E deles, sairá muito dinheiro. O primeiro da série foi o **Globo na Copa**, um desenho animado, vendido com exclusividade para a Kibon (Chicletes Ping-Pong), por Cr\$ 4 milhões e 200 mil por mês. Como o programa se estende de fevereiro a junho, seu custo total chega aos Cr\$ 21 milhões.

O segundo "subproduto" é bem mais rendoso: trata-se do **Minuto da Copa**, cuja idéia nasceu de uma produção multinacional que a Globo havia comprado da Inglaterra em 1980, o **Minuto Olímpico**. Relembrando detalhes curiosos de todas as Copas, o **Minuto da Copa** foi vendido para quatro patrocinadores, mas a cada programa aparece o nome de apenas um deles. Cada um paga Cr\$ 5 milhões e 400 mil mensais e como o programa também se estendeu de fevereiro a junho, o custo total, por patrocinador, atingiu Cr\$ 21 milhões e 600 mil (ou Cr\$ 86 milhões e 400 mil globais). O programa é feito por apenas um editor, que recebe Cr\$ 560 mil mensais. O resto é lucro... Em tempo: os patrocinadores do **Minuto da Copa** são: Kodak, Dorsay, ABECIP (Associação Brasileira de Cadernetas de Poupança) e Goodyear.

Nesse programa, a TV Gaúcha conseguiu "tirar uma casquinha". Vendeu uma PTE (participação especial) para a JH Santos dentro do intervalo do **Minuto da Copa**, por Cr\$ 2 milhões e 500 mil mensais.

A Gaúcha, na verdade, só terá vantagens nesta sua feliz associação com a TV Globo. A empresa pagou 7,9% dos Cr\$ 360 milhões que a Globo gastou para obter a exclusividade da Copa. Depois de terminado o Mundial, receberá exatamente os mesmos 7,9% dos lucros totais. Além, é claro, do dinheiro obtido na venda de vários outros PTEs. Es-



Fernando Miranda

sas participações especiais dão direito a 41 comerciais veiculados imediatamente antes dos comerciais dos verdadeiros patrocinadores dos programas da Copa, e serão divulgados antes dos jogos que a Globo transmitirá ao vivo (41 no total).

A TV Gaúcha comercializou 13 cotas, cada uma delas por Cr\$ 9 milhões (ao todo, portanto, Cr\$ 117 milhões). Na primeira semana em que foram postas à venda, nove cotas foram compradas. "Isso que, naquela época, ainda não se vivia o clima da Copa", revela Sílvio Silva, do Departamento Comercial da Gaúcha.

## "A seleção foi monopolizada"

Mas para a Gaúcha ainda sobram mais opções para ganhar dinheiro. Os três programas especiais que a TV Globo produzirá para a Copa abriram seis novas brechas para a Gaúcha, já que todos eles terão dois patrocinadores nacionais e dois regionais. Os programas, os patrocinadores e os preços, são os seguintes:

**Globo na Copa:** É um programa de oito minutos (dois blocos de quatro, separados por um break comercial), produzido em Madrid e gerado ao vivo para o Brasil. Entra antes do "Quem é Quem", dando "o clima e a expectativa do jogo, antecedendo todos os jogos ao vivo. O programa terá entrevistas "com torcedores, técnicos, jogadores, críticos, parentes de jogadores, dirigentes, mostrando também os preparativos das torcidas, a movimentação nas cidades-sedes dos jogos, com entrevistas diretas do campo, do estúdio ou do estádio". O **stand by** do programa (caso, alguma vez,

haja problemas de transmissão) serão dois compactos de quatro minutos com cenas dos últimos jogos de cada equipe em questão. Os patrocinadores nacionais são o Açúcar União e o Shampoo Wella, que pagaram Cr\$ 50 milhões cada. Os patrocinadores regionais são a Bijóia e o Carro do Povo, com Cr\$ 8 milhões cada.

**Quem é Quem:** Programa que antecede todos os jogos ao vivo e apresenta rapidamente os dois times, a escalação, alguns aspectos dos países envolvidos no jogo, a história desses times em outras Copas, a trajetória para a atual classificação, além de "hábitos e costumes exóticos, detalhes do uniforme, do escudo do time, da perna fatal de algum artilheiro, das mãos do goleiro, da fisionomia preocupada do técnico". O programa terá um tratamento especial de edição, com sonoplastia (hinos e músicas típicas dos países), efeitos de mesa e quantel. O **stand by** será gerado também por Madrid, mas no dia anterior, para não haver problemas na hora. Os patrocinadores nacionais são o Açúcar União e o Banco de Crédito Real de Minas Gerais, pagando Cr\$ 50 milhões cada um. Os patrocinadores regionais são a Bier e a Ipiranga, com Cr\$ 8 milhões cada.

**Bate-Bola:** Mesa redonda conduzida pelo cronista Armando Nogueira, o chefe supremo da "Operação Copa do Mundo". O programa tem duração que varia de uma hora a uma hora e meia. Será gravado em Madrid e editado lá mesmo, não sendo apresentado ao vivo. Será levado ao ar à noite, depois dos jogos do Brasil. Patrocinadores nacionais: Açúcar União e Goodyear, cabendo Cr\$ 35 milhões para cada um. Os patrocinadores regionais são o Frigorífico Chapecó e os Adubos Trevo, com Cr\$ 5 milhões para cada um.

Para dar unidade às chamadas regionais, elas foram gravadas na TV Globo de São Paulo, para ficarem com a mesma qualidade visual das chamadas nacionais.

Os comerciais, apesar de todo o dinheiro que trarão à Globo e à Gaúcha, poderão, entretanto, baixar um pouco a audiência das duas emissoras. Trata-se, na verdade, de uma faca de dois gumes. Senão, vejamos:

— Vamos fazer a nossa promoção em cima do fato de transmitirmos a Copa sem comerciais. Os intervalos serão cobertos apenas por programas especiais e documentários. Acho que divulgando essa idéia, conseguiremos atrair uma boa parcela do público — garante José Pedro Goulart, chefe da divulgação da TVE. — Na verdade — admite — mais do que tentar tirar o público da Globo, a Copa significa é muito prestígio para nós. Ela pode fazer com que a TVE comece a existir de fato aqui no Rio Grande do Sul. Para isso, mandaremos malas diretas

para os diretores de empresas pedindo que eles liguem os aparelhos de TV que estarão em suas empresas, na TVE. Esperamos contar também com a boa vontade dos veículos de comunicação da cidade, especialmente os que não são da RBS.

— De qualquer maneira, como seremos a única emissora a transmitir a Copa — além da Globo — nos sentimos na obrigação de fazer com que os jornalistas esportivos profissionais da cidade, que foram duramente aliados da Copa, participassem dela, de uma forma ou de outra — diz Enio Rocha. — E como nós faremos uma cobertura basicamente regional, coisa que a Globo certamente não fará, teremos debates com os profissionais gaúchos que não puderam ir à Copa.

E a TV Globo, é claro, não dará mesmo nenhum enfoque especial para o Rio Grande do Sul. A TV Gaúcha mandou quatro profissionais para a Espanha — um editor e um cinegrafista (que foram solicitados pela Globo que se juntarão à equipe dela, sem poder realizar um trabalho voltado para a Gaúcha) e mais os comentaristas Rui Carlos Ostermann e Paulo Santana.

— É exatamente em cima do distanciamento que a cobertura da Globo terá do público gaúcho que nós pretendemos trabalhar — assegura Odilon Ramos, o chefe da equipe de Esportes da TVE. — E temos certeza que os nossos enfoques regionais, além dos especiais que levaremos ao ar, atrairão muitos espectadores.

Os especiais da TVE, de fato, são de excelente qualidade. No dia da estréia do Brasil, por exemplo, enquanto a Globo estiver levando ao ar o **Bate-Bola**, a TVE estará apresentando o programa "Aquarela do Brasil", uma visão não-oficial do país, com textos de Oswald e Mário de Andrade, análise do movimento Tropicalista e da Bossa Nova, com as participações de Maria Bethania, Caetano Veloso, Gal Costa e Regina Casé.

Uma programação progressista e alternativa como essa, porém, certamente não arrancaria do conservador Telê Santana declarações como esta, que ele deu exclusivamente para o tablóide **Globo na Copa**: "Para mim, é muito importante e confortador ver que a TV Globo se preparou tão bem para cobrir a Copa. Espero contar com a colaboração da emissora lá na Espanha: talvez eu precise ver algum tape, algum lance. Com esses dois trabalhos — o da seleção, no campo, e o da Globo, fora dele — os brasileiros poderão sentir o verdadeiro clima da Copa e ter uma idéia do nosso esforço e da nossa dedicação ao futebol". São declarações como essa que ajudaram a manter intacto — por muitos anos — o gigantesco poder da Rede Globo de Televisão e de seu dono, Roberto Marinho. O verdadeiro dono da Copal

Foto: Edson Soyau



# A Arte de Conversar

*"É costume de nossos tribunais condenar alguns para exemplo de outros. Condená-los unicamente porque erraram seria inepto, como diz Platão. O que está feito não se desfaz; mas é para que não tornem a errar ou a fim de que os outros atentem para o castigo. Não se corrige quem se esforça; corrigem-se os demais com ele. Eu faço a mesma coisa. É certo que meus erros são naturais e incorrigíveis, mas assim como os homens de bem oferecem ao povo o exemplo do que este deve fazer, eu os convido a não me imitarem. Publicando e criticando minhas imperfeições, ensinarei alguém a temê-las".*

*"Não sei se haverá alguém como eu que mais se eduque contrariando os modelos do que os imitando, e deles fugindo mais do que os seguindo. A essa espécie de disciplina referia-se Catão, quando disse que os sensatos aprendem mais com os loucos do que estes com aqueles. E Pausânias conta que um velho tocador de lira tinha por hábito mandar seus discípulos ouvirem um mau músico que morava em frente, a fim de que aprendessem a odiar as desafinações e os compassos errados. O horror à crueldade incita-me mais à clemência do que o faria um modelo de generosidade. Todos os dias a tola conduta dos outros me adverte e me aconselha. Esforcei-me por tornar-me tão agradável quanto os outros eram irritantes, tão firme quanto eram moles, tão brando quanto eram duros, tão bom quanto eram maus. Mas a tarefa é irrealizável".*

*"O mais proveitoso e natural exercício de nosso espírito é, a meu ver, a conversação. Se converso com um espírito forte, e rude discutidor, ele aperta-me, fere-me à direita e à esquerda e suas idéias sugerem as minhas. O acordo é, na conversação, qualidade bem aborrecida. Mas assim como o nosso espírito se fortalece na convivência com os espíritos rigorosos e sensatos, também se empobrece e degenera pelo comércio com os vulgares e doentios. Não há doença que tão facilmente se espalhe. Sei por experiência quanto custa. Gosto de discutir e conversar, mas é com pouca gente e para meu proveito. Pois servir de espetáculo aos grandes e fazer exibição de espírito, são coisas que não considero recomendáveis a um homem de bem".*

*"As discussões deveriam ser regulamentadas como outros crimes verbais. Quantos vícios suscitam e acumulam em nós, governadas pela cólera! Começamos por hostilizar os argumentos e acabamos inimigos dos homens! Só aprendemos a discutir para contraditar e, acontece, em meio às contradições recíprocas, perder-se e aniquilar-se a verdade. Cada qual puxa para o seu lado; perde-se de vista o essencial na confusão do acessório. Ao fim de uma hora de disputa, já não se sabe o que se procura".*

*"Amo e honro o saber bem como os que o possuem: empregado com critério é a mais nobre e poderosa aquisição do homem. Mas aqueles (e são em número infinito) que nele assentam sua capacidade e seu valor, naqueles cuja inteligência se encontra inteira na memória (abrigados à sombra alheia, como diz Sêneca), que nada podem sem seus livros, eu os detesto mais ainda do que à imbecilidade".*

*"A tolice é péssima qualidade, mas não a poder suportar e moer-se por sua causa, como me acontece, é também uma doença que nada fica a dever à tolice. É o que quero criticar em mim, agora. A mim seria desagradável que meus amigos me criticassem com rudeza: 'És um tolo, estás a sonhar'; entretanto, gosto que sejam sinceros e que suas palavras exprimam exatamente o seu pensamento. A mim, quando me contradizem, despertam-me a atenção, não a cólera; aperto meu interlocutor e tiro partido de seus argumentos. A busca da verdade não deve ser o alvo de ambos os contraditores? Que responder, se a cólera toma conta do espírito e o turva logo de início? Acolho e festejo a verdade, venha de quem vier; rendo-me com alegria, entrego-lhe as armas, vencido de antemão ao avistá-la de longe".*

*"Todavia, é sem dúvida difícil levar os homens de minha época a pensarem de igual modo; não se animam a corrigir os outros porque não têm a coragem de suportar que os corrijam; e sua linguagem, quando em presença uns dos outros, carece de franqueza. Minhas idéias são amiúde tão contraditórias que se condenam sozinhas e pouco me importa que os outros as condenem também, tanto mais quanto dou à crítica uma importância relativa. Mas aborreço-me quem assume uma atitude superior e se ofende se não o seguimos".*

*"É prazer insípido e prejudicial tratar com gente que nos admira sempre e sempre nos segue. Muito mais me orgulho com a vitória obtida sobre mim mesmo quando, no ardor da discussão, me curvo sob o peso das razões de meu adversário, do que com a sua derrota, se se revela fraco. Qualquer resposta me satisfaz se vem a propósito, mas quando a discussão se pertur-*



MICHEL MONTAIGNE,  
francês do séc. XVI

*ba e se torna desordenada, abandono o assunto, prendo-me à forma, indiscretamente, e ponho-me a discutir com uma malícia e uma agressividade que, ao depois, me envergonham. É impossível discutir de boa fé com um tolo".*

*"O mundo não passa de uma escola de investigação. Não ganha quem corre mais, mas quem corre melhor. Todos podem dizer verdade, mas dizê-las com ordem, sensatez e pertinência, poucos o fazem. Por isso não me ofendo com o erro que vem da ignorância, e sim com a inépcia. Rompi várias negociações, úteis para mim, só por causa da estupidez das contestações daqueles com quem eu negociava. Não me irrito sequer uma vez por ano com as faltas de meus subordinados, mas no que concerne à burrice e à teimosia de suas desculpas, e à imbecilidade delas, diariamente me aborreço com eles. Não entendem o que lhes dizem, nem atinam com o porquê; e de igual modo me respondem: é de desesperar. Somente outra cabeça pode impressionar a minha e acomodo-me melhor com as insuficiências dos meus do que com sua audácia, impertinência e estupidez. Que façam menos, mas que façam alguma coisa que saibam fazer. Vive-se na esperança de excitar-lhes a vontade, mas nada há que arrancar de um pedaço de pau".*

*"Talvez, entretanto, julgue eu as coisas diferentes do que são. Eis por que censuro minha impaciência e confesso que é uma falha, tanto em quem tem razão como em quem não a tem, porque é sempre rispidez tirânica não suportar maneiras diferentes da nossa, e não há maior tolice, nem mais absurda, do que impressionar-nos e irritar-nos com as tolices alheias. Falou muito bem e agudamente quem disse que 'cada qual aprecia o odor de seu esterco'. Nossos olhos não vêem para trás. Cem vezes por dia zombamos de nosso vizinho; os defeitos que detestamos em outrem são ainda mais visíveis em nós e no entanto os admiramos com maravilhosa imprudência sem perceber a contradição".*

*"Os sentidos são nossos próprios juizes e os primeiros a julgar-nos: como só percebem as coisas pelos acidentes exteriores, não é de estranhar que, em todos os atos da sociedade, haja sempre, em toda a parte, quantidade de cerimônias em que as aparências desempenham papel importante e constituem a parte mais eficiente dos regulamentos. O mesmo se verifica na conversação: a gravidade, o traje, a condição social de quem fala dão muitas vezes crédito a palavras vãs e ineptas; pois é de presumir que um senhor tão cortejado e temido tenha dentro de si alguma qualidade invulgar, e que um homem que ocupa cargos tão importantes e se mostra tão insolente e altivo, seja mais talentoso do que o outro que o saúda de longe e ninguém emprega. E não somente as palavras, mas também os gestos e as caretas dessas pessoas são notadas e interpretadas de modo lisonjeiro. Se se dignam a conversar com outros, e não recebem toda a aprovação e deferência, esmagam-nos com a autoridade de sua experiência. Ouviram, viram, fizeram e enchem-nos de exemplos".*

*"Mas não basta enumerar experiências; é preciso ainda classificá-las e ponderar-lhes o valor; cumpre examiná-las de perto, analisá-las a fim de extrair as conclusões e as razões que comportam. Observando atentamente esses homens que acumulam grandezas, verifiquei tratar-se na maioria dos casos de gente como outra qualquer e 'o bom senso se encontra raramente em pessoas de tão alto coturno', dizia Juvenal. Não raro, porque empreendem coisas mais ousadas e se expõem mais, julgamo-las e vemo-las menores do que são, pois não suportam então o fardo que tentam carregar. É preciso que o carregador tenha mais vigor do que pesa a carga, pois assim nos sugere que pode carregar mais e que não está dando tudo. E o que sucumbe ao peso revela fraqueza de seus ombros. Daí verem-se tantos to-*



los entre os sábios, gente que teria dado bons criados, agricultores, artifices.

"Assim, os que nos regem e governam, os que têm o mundo nas mãos, não devem possuir apenas uma inteligência vulgar e poder o que podemos; se não estiverem muito acima de nós, ficarão muito abaixo. Prometem mais, logo devem mais. Portanto, o silêncio serve-lhes não só para assumirem uma atitude cerimoniosa e grave, mas também para se precaverem e auferirem proveitos da situação. A quantos espíritos medíocres um ar taciturno e distante tem servido de marca de prudência e capacidade! As dignidades e os cargos dão-se necessariamente mais por acaso do que pelo mérito; mas não temos razões de censurar os reis. É ainda espantoso que acertem com tão reduzidas possibilidades de informação. 'A maior qualidade dos príncipes é conhecer quem empregam', disse Marcial, pois, não lhes tendo dado a natureza uma vista suficiente para alcançar tanta gente, e discernir os valores, e ver dentro de cada um seu valor próprio, são forçados a escolher por intuição, às apalpadelas, pelo sangue, pelas riquezas, pelo saber, pela voz do povo, indícios, todos, bem fracos. Quem encontrasse o meio de julgar os homens com razão e justiça, asseguraria uma perfeita organização dos serviços públicos".

"Ocorre que os mais vulgares são os mais eficientes e seguros na prática, conquanto não sejam os mais sedutores. Que fazer, se os que têm menos valor são os mais convenientes? E os mais baixos e mais gastos melhor se adaptam aos empreendimentos? Para que o Conselho dos Reis conserve a sua autoridade é preciso que os profanos não assistam às sessões".

"A boa e a má sorte são, a meu ver, dois poderes soberanos. É insensato pensar que a sabedoria humana possa desempenhar o papel do destino. Vã é a empresa de quem presume abraçar causas e conseqüências e conduzir os fatos pela mão. Principalmente nas coisas militares. Entre os príncipes que triunfaram afirma Tucídides serem mais comuns os grosseiros do que os sutis. Atribuímos entretanto à sua sabedoria os êxitos que deveram ao acaso: 'Se vos elevardes pela sorte hão de louvar-vos o talento', disse Plauto. Isso demonstra que os acontecimentos são frágeis testemunhos de nosso valor e capacidade".

"O que admiro eu próprio nos reis são os admiradores; diante deles tudo deve inclinar-se, salvo a inteligência, pois não foi à razão que ensinei a curvar-se, foi aos joelhos. Antístenes aconselhou de uma feita aos atenienses que empregassem seus burros nos trabalhos da terra, como faziam com os cavalos. Responderam-lhe que o animal não nascera para tais serviços, ao que ele replicou: não faz mal, basta decretá-lo; pois por mais ignorantes e incapazes que sejam, não se tornam logo muito dignos do encargo os homens a quem entregais a direção da guerra?"

"É preciso atentar para a vantagem de falar quando se quer, de es-

colher o assunto, de interromper ou desviar a discussão com autoridade, de se defender das objeções alheias, com um simples movimento de cabeça, um sorriso, um silêncio, diante de uma platéia que treme de respeito. Um homem de condição excepcional, dando sua opinião acerca de uma questão de nonada que se discutia à mesa, assim começou: só um mentiroso ou ignorante poderia negar que, etc. Eis um argumento filosófico apresentado de punhal na mão".

"Por princípio considero também que nas discussões e conversas não devemos aceitar sem reflexões os ditos que nos parecem felizes. Não devemos ceder desde logo a um argumento, por mais belo que se nos afigure. Temos certeza de não errar quando exclamamos 'como é belo' após a leitura de um trecho de Virgílio, e os espertos assim fazem. Mas empreender segui-lo passo a passo e, através de juízos lúcidos e pertinentes, mostrar como um escritor se realiza, analisar as palavras e as frases, e os achados, não é coisa da alçada de qualquer um".

"Ouço seguidamente tolos dizerem coisas acertadas. Resta saber se entendem o que dizem e de onde o tiraram. Muitas vezes, nós é que os ajudamos a empregar uma frase ou argumento que não são de sua autoria; têm-nos em reserva e os apresentam ao acaso; nós é que lhes damos importância e valor. Nós é que lhes estendemos a mão. Por quê? Não nos ficam gratos por isso e nem se tornam menos ineptos. Não os ajudemos, portanto; deixemo-los soltos; manejam estas frases como gente que tem medo de se escalear; não ousam tocá-las, nem mudá-las de lugar, nem aprofundá-las. Uma sacudidela bastaria para que as deixem cair, para que as abandonem, embora fortes e belas".

"A obstinação e a convicção exagerada são a prova mais evidente da estupidez. Haverá algo mais afirmativo, resolutivo, desdenhoso, contemplativo, grave e sério do que um burro?"

"Podemos também tratar, neste capítulo, acerca da conversa e da discussão, dos propósitos trocados na intimidade, entre amigos que zombam e gracejam uns dos outros. Se quando me atacam não encontro com que responder de imediato, não me apego a respostas aborrecidas e frouxas, teimosamente; deixo passar, curvo-me de bom grado e aguardo ocasião propícia para a desforra. Não há negociante que sempre ganhe. Com os gracejos tocamos por vezes cordas secretas de nossas imperfeições que, serenamente, não tocaríamos sem nos ofender; desse modo avisamo-nos uns aos outros de nossos defeitos".

"Não ousar falar com franqueza de si, revela falta de coragem. Um espírito franco e elevado, que julga sadio e seguramente, usa seus próprios exemplos como coisa alheia e apresenta seu testemunho como apresentaria o de outra pessoa. É preciso desprezar as regras vulgares da boa educação, quando se está a serviço da verdade e da liberdade".

# VOTE COM O COOJORNAL

Chegue nas urnas com a camiseta de quem sabe das coisas:

conhece as  
posições do  
LULA



a retórica do  
JÂNIO



os feitos do  
JAIR



os projetos do  
COLLARES



e a campanha do  
OLÍVIO



Além das transas da Ivete com o Brizola, conte com outros ingredientes importantes numa decisão política, como informações sobre comportamento ou ecologia e cultura. Na imprensa independente, os fatos sem manipulação.

Assinatura para o exterior US\$ 60,00

Assinatura anual por apenas Cr\$ 1.900,00

(Porte a pagar para assinatura do interior do RS e outros estados)

## FAÇA SUA ASSINATURA E GANHE A CAMISA DO COOJORNAL

Coojornal  
Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Fone: 335099  
Porto Alegre — RS

Cupom de assinatura Coojornal	Nome: _____
	End: _____ Nº: _____
	Bairro: _____
	Cidade: _____ CEP: _____
	Estado: _____
Profissão: _____	



# INDICADOR PROFISSIONAL

**Dr. João Carlos  
Domingues**

*Pediatra*

CREMERS 7537  
CPF 165332080/064  
José de Alencar, 1.296, Apto. 1  
Porto Alegre RS  
Fone: 33-0505

**Dr. ANTONIO CARLOS  
GERBASE**

dermatologia  
venereologia

CREMERS 6646  
CIC 192173310/15

Marechal Floriano, 91/814  
24.66.01  
Diariamente: 15-18H

**Este espaço  
foi reservado  
para o seu  
anúncio**



**Luiz Goulart Filho**  
OAB 7182 CIC 183730030/53  
**Hélio Goulart**  
OAB 12.600 CIC 220083570/15

*Advogados*

Horário: Das 10,30 às 11,30 e  
Das 17,00 às 19,00 hs  
Demétrio Ribeiro, 1078 cj. "B"  
fones: 25-8393 33-6476

**Nereu Lima**

CPF-MF 082058760-53  
Advocacia Criminal  
Borges de Medeiros, 410  
salas: 509/510  
tel: 24-6049 Porto Alegre

**Geraldo Nogueira  
da Gama**

*Advogado*

OAB 5951 CPF 059035050/15  
Rua Cel. Genuíno, 421  
— 12º andar  
Fone 25-0154  
Porto Alegre RS

**LUIZ LOPES BURMEISTER**  
OAB 2334

**ADVOCACIA  
TRABALHISTA  
DE EMPREGADOS**

Andrade Neves, 159/105  
Fone: 25-5866  
Porto Alegre



**Luiz Carlos  
Calachi Moraes**

*Advocacia Trabalhista  
P/Empregados*

Andrade Neves, 159 sala: 64  
fone: 33-5445  
Edifício Amazonas

Rovilio Antonio Breda  
OAB/RS 2583

Abade P. Bulhões  
OAB/RS 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453  
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

**ADVOGADOS**

**ADVOCACIA  
EM GERAL**

**CLÁUDIO BALDINO  
MACIEL**  
OAB 11.382

**DANIEL BOKLIS**  
OAB 11.448

Rua dos Andradas, 1464, 7º andar, conj. 70  
Fones: 21-6188 — 21-6409 — Porto Alegre

João Carlos Gastal - OAB 599  
Newton Domingues Kalil - OAB 7061  
Regina de Lima Motta OAB 9242

*Falências e Concordatas  
Direito Fiscal  
Inventários — Separações — Divórcios  
Rua Ramiro Barcelos, 330  
2º and. fone: 24-9846*

**A COOJORNAL ERA  
SÓ JORNAL**



Agora, atuamos também na área de propaganda gráfica e eletrônica.  
Venha conversar com a gente,  
o endereço continua o mesmo.

Comendador Coruja, 372 — Fone: 33-5099 (PABX) Porto Alegre — RS

**ADVOGADOS**

**HÉLIO ALVES RODRIGUES**  
OAB 3975 - CPF 001520800/15  
**JÚLIO CESAR ALVES RODRIGUES**  
OAB 3408 - CPF 001520990/34

ANDRADE NEVES, 159 - CONJ. 21/22  
FONES: 24-8616 E 25-8035

**Mario Chaves  
Carlos Franklin Araújo  
Vera Lucia Kolling**

**ADVOCACIA DE EMPREGADOS**

Andrade Neves, 155 conj. 35/36  
fone: 24-3159 Porto Alegre



**SE O  
PROBLEMA  
FOR SAÚDE,  
SIGA O  
EXEMPLO  
DOS MÉDICOS**



Eles têm preferido o Sistema UNIMED para o seu atendimento e o de seus familiares. Faça como os médicos: confie a assistência de sua família e de sua empresa à UNIMED.

- Ausência de intermediários
- Menor custo
- Padrão Sistema UNIMED de Saúde

**UNIMED**

Porto Alegre — RS  
Rua Santa Terezinha, 142  
Fone: 31-1677

# Micuím, o poeta

O outono de 68 na cidade de Porto Alegre foi particularmente perigoso. Em cada inocente esquina, em cada parque amarelado de folhas, em cada bar, restaurante, churrascaria, vestíbulo de cinema, quarto de pensão, sala de aula, em porões escuros, em salões iluminados, atento (e astuto, determinado, implacável) espreitava, pronto para o bote, o ameaçador maço de folhas ocultas no bolso do paletó, um poeta.

Naquele outono do ano de 1968 havia clássicos (melenas negras, olhos no fundo) e modernos (colares, miçangas, sapatos de tênis) e havia tímidos e de olhos baixos, e agitados, declamadores — condoreiros —, brandindo os calhamaços como rebenques. Havia românticos, pau-brasilistas, tradicionalistas, fontes dignas assegurando como pálidos fantasmas de dedos muito finos nas escadarias da Biblioteca Municipal. E também tristes, doidos, mansos, ricos, pobres, remediados, negros, judeus, sexagenários e — segundo depoimento dos entendidos — um ou outro hétero. Havia, principalmente, mocinhas chegadas do interior e fogosos críticos literários a aticar-lhes o brando fogo poético na esperança de uma trepadinha. (Também os críticos têm razão humana.) Havia o poeta da Cidade Baixa, que dormia no banco da praça em frente o antigo cinema Capi-

tólio e que ninguém sabe que fim levou. Havia Quintana fazendo que não era nada com ele na praça da Alfândega. Havia os poetas da Azenha, do IAPI, da Floresta, do Partenon. Seguramente havia um poeta em ação na Auxiliadora. Havia muitíssimos poetas. E havia Micuím.

Mostrando o sorriso torto no pátio da Filosofia, Micuím. Na fila do Restaurante Universitário, esmolando um vale de refeição com ar faminto, Micuím. Rondando o Largo dos Andradas (cincão completa a minha entrada pra ver A Chinesa, cara), Micuím.

De certo modo, o único errado com Micuím era o tamanho dos poemas. Chatos em Porto Alegre pululavam em número suficiente para justificar um genocídio. Micuím não era um corpo estranho. (Acrescente-se que nem tocava violão.) Mas, o tamanho dos seus poemas! Não se contentava com uma lauda em homenagem ao Che, uma ode de vinte linhas aos operários de Osasco ou condoreiro vôo de página e meia conclamando as massas à tomada do poder. Não. Em noites de febre, na cozinha da pensão, à luz de vela (o companheiro de quarto naturalmente expulsava-o quando o via possuindo desses arroubos e o dono, gente boa mas pão-duro, proibia o gasto de energia depois da meia-noite) quase montado na Oli-



vetti portátil — único objeto sobre o qual admitia direito de propriedade — produzia páginas e páginas num furor kouruaquiano, ouvindo os gatos perseguirem-se nos muros enlaurados, sabendo que a manhã avança sobre a cidade como um dia avançariam os exércitos da libertação.

Nas noites mais fecundas produzia entre quinze e vinte páginas. Corrigia-as, ansioso, recitando baixinho, riscando, mudando palavras, desconfiado. Quando terminava saía para o pátio, aliviado, sem vertigem, como um animal, sentindo o coração bater, precariamente feliz, e urinava junto às latas de lixo. De volta à cozinha juntava meticulosamente as páginas de sua obra, meditando quem teria a honra, lá pelas onze e meia, na porta do RU. Normalmente a honra cabia a Marcelo, o mais paciente.

## O escritor e seu esconderijo

Todas as quintas-feiras o escritor Tabajara Ruas, 40 anos, sai de seu agradável esconderijo alugado à beira-mar, no povoado de Santo Antônio de Lisboa (Florianópolis, e percorre os seiscentos metros de estrada de terra até a bodega da vila. Não vai beber — hábito, aliás, que não cultivava. Vai ver se há cartas de Porto Alegre, de Lisboa, Copenhague ou Uruguaiiana. Em Lisboa e Copenhague estão as suas editoras européias. Em Uruguaiiana, a infância. Eventualmente Tabajara aproveita e passa na delegacia, situada em frente à bodega, ao lado da igreja e, claro, da praça. Na pequena casa branca de esquina onde descansa e papeia descontraidamente o único policial da vila e onde aloja-se, também, o intendente, está o único telefone público do lugar. Cem metros além, o monumento histórico mais importante: a rua que sai do mar, especialmente calçada para que não se empoeirassem as imaculadas botas de D. Pedro II, quando visi-

tou a Ilha de Santa Catarina. Um local apropriado, sem dúvida, para um escritor que há nove anos perdeu os originais de um romance pronto, ouviu de muito perto o ronco apavorante dos aviões bombardeando o palácio La Moneda, no Chile, viu o tumulto da morte de Perón, na Argentina, e viveu o nervosismo dos negros de São Tomé e Príncipe, sob a ameaça de invasão de mercenários apoiados pelo Gabão.

Mas, finalmente, parece que as coisas começam a entrar nos eixos, no Brasil, depois de dez anos de exílio na Argentina e Dinamarca, com trocas de residência entre Valparaíso, Santiago, Buenos Aires, Paris, Copenhague, São Tomé e Lisboa. Na semana passada, um paciente estafeta dos Correios localizou a residência de Tabajara na Praia Comprida, e entregou-lhe a boa notícia em forma de telegrama urgente: "Taba, o Tuio me recomendou o teu livro. Li, gostei, e quero filmar. Valdi Ercolani". Valdi é um bem sucedido produ-

tor de cinema publicitário que quer fazer seu terceiro longa-metragem com base na Região Submersa, editado aqui pela L&PM. Seu segundo livro, O amor de Pedro por João, sensivelmente melhor, já está na Editora Bertrand (Lisboa), na Gyldenal (Copenhague) e nas mãos do Ivan Pinheiro Machado, da L&PM. Na pequena Remington, emprestada, Taba começa a dedilhar as primeiras anotações sobre a Guerra dos Farrapos, projeto que até agora deu dinheiro apenas aos sebos: em Porto Alegre, Tabajara vasculhou todos que havia na busca de livros sobre o assunto. Enfim, as perspectivas são completamente diferentes das que se apresentavam 14 dias depois que Salvador Allende era assassinado, quanto Tabajara comprimia-se com mais 800 pessoas na embaixada da Argentina, antes que a polícia os pegasse. E, como aconteceu com tantos outros, não pegou: detido quando procurava amigos no bairro Lo Hermida, em Santiago, sem documen-

Abria a lata de açúcar, roubava uma colherada apesar dos riscos de dor nos dentes. Voltava para a cama na ponta dos pés. O ar do quarto ressumava à peste medieval. Deitava-se vestido. Dormia de boca aberta e sonhava com a cozinheira: ela chupava o dedo indicador da mão direita com nebulosos olhos de tonta. (A mão esquerda desabotoava pensativa a blusa e exibia o mole seio branco.)

Pois, além de fazer a Revolução (e versos que a impulsionassem) Micuím tinha duas ambições na vida: faturar a cozinheira da pensão e ganhar a bolsa para Paris. Com Dona Clarisse sonhava todas as noites. Era viúva, rondava os quarenta anos e arrastava-se naquele lento requebrado de vaca. Nunca se atreveu a dirigir-lhe a palavra.

Quando à bolsa para Paris era uma questão de espera. Enviara ao Consulado da França, ao Instituto Francês-Brasileiro (e a todas as instituições onde farejava a possibilidade duma passagem de avião grátis para a Cidade-Luz) pedidos de bolsa, junto com "curriculum vitae" e cópia de seus poemas mais proeminentes.

Com Paris sonhava aos sábados de manhã. Ficava na cama com os olhos semicerrados, fumando tocos de Hollywood, aspirando o ar abafado, vendo a mancha de sol avançar pela parede até tocar a cabeceira da cama de ferro. Voaria para Paris num DC-10 da Varig. Alugaria um "estudiô" no Quartier Latin. Escreveria poemas à margem do Sena. Fumaria Gauloise como os personagens de Cortazar.

Tabajara Ruas

(Trecho do livro  
O Amor de Pedro por João)

tos, foi mandado embora sem explicações.

Longe de tudo isso, agora, o assunto são os livros, o filme, o futebol. Torcedor do Inter e — segundo ele — valente ex-jogador da várzea de Uruguaiiana, Tabajara é capaz de contar cinematograficamente a maioria dos grandes gols de Bráulio. E não há quem não faça, de fato, um respeitoso silêncio de admiração pela jogada que, sem dúvida, acaba de ver. É capaz, também, de recontar com riqueza de detalhes e emoção, como é mesmo que o Bogard fez para conquistar o rio Nilo e Katherine Hepburn, na epopéia Uma aventura na África. E deixa qualquer interlocutor tão indignado como se estivesse presente em São Tomé, quando conta que os negros nativos dessa pequena ilha vulcânica da linha do Equador não sabem nadar — porque eram proibidos, pelos portugueses, de banhar-se em suas praias, privilégio de brancos. (Airtón Kanitz)



*Extinto por falta do que fazer, o Dops gaúcho chegou ao fim marcado pelo último acidente de sua carreira: uma história suja que durou dois anos e mexeu com a vida de muita gente...*



A "queima dos arquivos", uma cena para a imprensa registrar

Foto: Luiz Eduardo Achutti

falta de provas, foi brindado com uma promoção a delegado de 4ª Classe. É assessor do Departamento de Polícia do Interior (DPI). "Está por cima", segundo seus colegas.

**João Augusto da Rosa, inspetor** — Denunciado, apresentou-se com a cabeça completamente raspada, para confundir os testemunhos que o descreviam com cabelos cheios. Foi condenado em primeira instância, mas absolvido na apelação. Esteve no Departamento Central de Informações (DCI), está no de Diversões Públicas, com os cabelos crescidos.

**Janito Jorge Kepler, inspetor** — Foi denunciado por uma inconfidência da irmã, mas foi absolvido e gostou da impunidade: já foi alvo de outras três sindicâncias por abuso de autoridade, lesões corporais e extorsão. Responde processo, também, pela morte do traficante Anão.

**Átila Rohrsetzer, militar** — O misterioso coronel, diretor do Departamento Central de Informações, foi apontado como o oficial procurado pelos militares uruguaios para a execução do seqüestro. Chegou a depor na CPI, mas nem chegou a ser indiciado judicialmente. Processou dois jornalistas que noticiaram sua participação e continua dirigindo o DCI.

**Oswaldo Lia Pires, advogado** — Veterano defensor de policiais acusados de violência e corrupção, conseguiu absolver Seelig e Janito. Foi distinguido com a Medalha do Pacificador "por relevantes serviços prestados à Segurança Nacional". Divide seu tempo entre a advocacia criminal, onde é considerado um dos melhores profissionais da praça e a presidência do Clube de Pólo de Porto Alegre.

**Omar Ferri, advogado** — Procurador de Lilian Celiberti, tornou-se o principal acusador dos policiais. Escreveu um livro, "Seqüestro no Cone Sul", com uma edição já esgotada. Ex-brizolista, Ferri voltou à política graças à projeção que obteve. É candidato a deputado federal pelo PMDB.

**Dirceu Pinto, promotor público** — Teve uma atuação comparável à do procurador do filme "Z", personagem vivido por Jean Louis Trintignant. Mais tarde, foi afastado do cargo de coordenador das Promotorias Criminais, onde abria um número recorde de processos contra policiais, por abusos de autoridade. É promotor da 12ª Vara Criminal de Porto Alegre.

**Sinval Guazzelli, advogado** — Era governador do Estado, mas diz que hoje sabe muito mais a respeito do caso, que prometeu levar até o fim mas não conseguiu. Caiu em desgraça junto ao governo federal, trocou de partido, hoje é forte candidato a vice-governador na chapa de Pedro Simon.

**Samuel Alves Correa, general** — Era comandante do III Exército e, segundo publicou a imprensa na época, "desestimulou" o governador Guazzelli a levar as investigações até o fundo. É adido militar do Iraque.

**Edgar Fuques, delegado federal** — Encarregado do inquérito da polícia federal, concluiu pela inexistência do seqüestro e denunciou o casal de uruguaios por entrada ilegal no Brasil. Está na Polícia Federal do Ceará.

**Camilo Casariego, filho de Lilian** — Reconheceu Seelig em fotos que lhe foram mostradas. Está com 12 anos e vive na Itália com o pai, Hugo Casariego, metalúrgico em Milão. Sua irmã, Francesca, hoje tem seis anos e vive com os avós em Montevidéu.

**Lilian Celiberti Rosas, mãe de Lilian** — Tornou-se incansável líder de um grupo de pais e mães que têm filhos desaparecidos ou presos no Uruguai. Vive em Montevidéu e visita a filha e Universindo mensalmente.

**Lilian (professora) e Universindo (estudante)** — Estão aonde foram colocados desde o início da história: ela na prisão de Punta Rieles, o terrível presídio feminino do Uruguai, sendo freqüentemente punida por denunciar maus tratos aos presos; ele em Libertad, a 70 km de Montevidéu, onde passou dois anos sem receber visitas e seis meses impedido de tomar banho. Ambos estão condenados a cinco anos de prisão. Seu futuro é incerto.

## Era uma vez um seqüestro...

As chamas que, no fim de maio, queimaram o monte de pastas e papéis que a imprensa chamou de "arquivo do Dops" consumiram junto 2.700 folhas datilografadas relativas ao seqüestro dos uruguaios Lilian Celiberti e Universindo Dias.

Eram, como todo o material queimado numa pequena olaria em Gravataí, papéis já sem importância, inclusive porque os documentos e informações importantes sobre o caso estão no processo, na Justiça. Mas não deixa de ser simbólico o fato de que o mesmo fogo que selou o fim do Dops, decidido por decreto do governador do Estado, tenha queimado também os papéis daquele que foi o caso mais rumoroso e o que mais desgastou o outrora sinistro Departamento de Ordem Política e Social, tendo contribuído decisivamente para o seu esvaziamento completo nos últimos anos.

Antes daquela tarde de novembro de 1978, quando dois jornalistas descobriram a "Operação Zapato Rojo", o Dops já tinha dois episódios brutais a marcar sua história como instrumento de repressão política. A morte do sargento Manoel Raimundo Soares, preso por agentes do departamento e que apareceu morto no rio Jacuí, com as mãos atadas às costas, no dia 13 de agosto de 1966. O sargento era ligado a Leonel Brizola e a grupos do governo deposto em 64, que tramavam retomar o poder. O "Caso das Mãos Amarradas" nunca foi esclarecido.

Depois, em 1973, morreu num xadrez do Dops o menor Luiz Alberto Aréba-



Luiz Claudio

lo, de 17 anos, filho de uma empregada do delegado Pedro Seelig. O rapaz morreu de pneumonia, depois de uma sessão de tortura.

Talvez porque os tempos eram outros, nenhum desses casos conseguiu ter a repercussão do seqüestro, que ao longo de dois anos alimentou manchetes na imprensa, colocando o Dops no banco dos réus perante a opinião pública. Foi o golpe final.

O decreto de extinção encontrou o Dops agonizando, já completamente à margem do sistema de repressão e controle político, que se sofisticou para enfrentar os novos tempos. Tinha 150 agentes (chegou a ter 300) que enchiam o tempo jogando sinuca nos arredores do Palácio da Polícia, a ponto de serem apelidados por seus colegas de "a turma do taco".

No dia em que o fogo consumiu os papéis do Dops, quando seus agentes já estavam remanejados para outros órgãos da Polícia, o Coojornal tentou localizar os principais personagens envolvidos no seqüestro e comprovou que também a vida deles foi modificada pelo episódio.

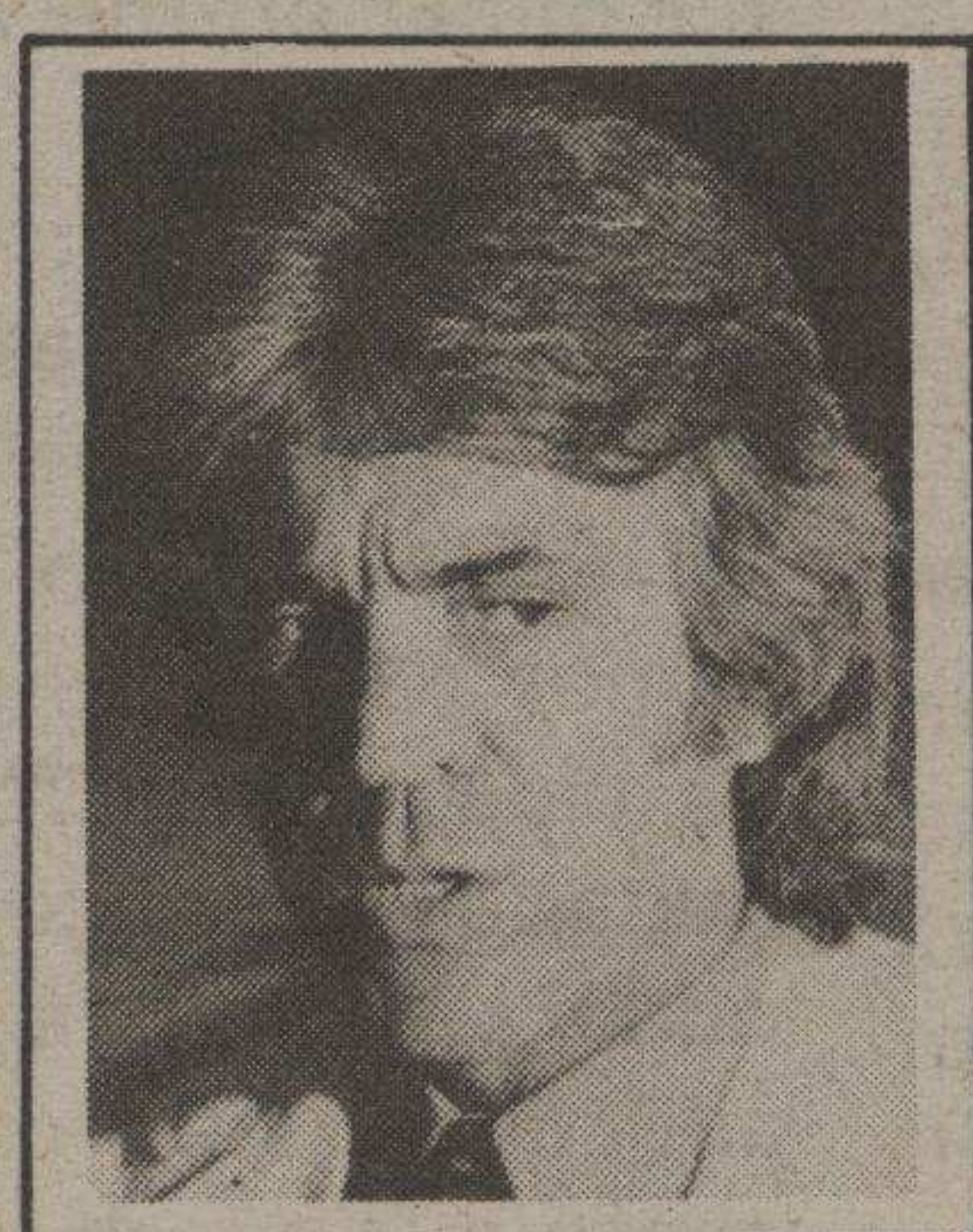
Veja onde eles estão hoje:



Didi Pedalada

**Luiz Claudio Cunha, jornalista** — Denunciou e comprovou o seqüestro, identificando os principais personagens envolvidos. Ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo em 1980 e foi transferido para Brasília, onde tornou-se chefe da sucursal da revista Veja. Estava entre os jornalistas que cobriram a visita do presidente Figueiredo aos Estados Unidos, em maio.

**João Batista Scalco, fotógrafo** — Identificou o primeiro policial envolvido, Orandir Portassi Lucas, o Didi Pedalada. Está na Espanha para fotografar a Copa para a revista Placar. Vive em São Paulo.



Pedro Seelig

**Didi Pedalada, inspetor** — Foi o único policial punido, com seis meses de prisão, mas beneficiou-se de sursis. Está no Departamento de Telecomunicações da Secretaria de Segurança e pode ser visto tomando cervejinha recostado ao balcão da churrascaria Itabira, no Menino Deus. Está gordo e envelhecido, mas ainda tem agilidade para integrar o time do ex-Dops nas peladas de quarta-feira no campo do Ararigbóia.

**Pedro Carlos Seelig, delegado** — Era chefe de investigações do Dops e foi identificado pelo menino Camilo, filho de Lilian Celiberti. Absolvido por





# Procurando a abertura

**A maior cooperativa do Estado, planeja unir-se a outras para formar uma grande central aberta a toda a população**

Em dois anos, a Cooperativa dos Estudantes de Porto Alegre (Cepal) aumentou de 80 mil para 125 mil o número de seus associados. Nos próximos dois anos, pretende chegar a 300 mil sócios.

Este não é, no entanto, o principal plano da sua atual diretoria, liderada por João Batista Pinzon, funcionário do Inbra, nomeado interventor da Cepal em 1980, depois de uma crise entre as diretorias.

O principal projeto de Pinzon é reunir todas as cooperativas de consumo de Porto Alegre numa única, aberta a toda a população, instalando grandes supermercados cooperativos.

Nesta entrevista ao Coojornal, ele fala dos seus planos e da perspectiva que vê para o cooperativismo de consumo, que começa a se recuperar depois de quase ter sido arrasado, entre outras coisas, por não ter conseguido concorrer com o comércio tradicional.

— Como está o cooperativismo de consumo?

— Está na seguinte situação: ou se viabiliza como empresa, ficando em condições de prescindir do paternalismo, do protecionismo oficial ou deixa de existir. Quer dizer: tem que se tornar eficiente como empresa para enfrentar a concorrência. Tem que saber tirar proveito das condições que lhe são inerentes, tais como a gestão democrática, a participação do quadro de associados nas decisões, o sentimento de solidariedade que mantém seu quadro associativo. Usar esses elementos que lhes são peculiares para obter melhores resultados.

— Como pode ser feito isso?

— Por exemplo: a gestão democrática. As cooperativas não têm sabido realizar a gestão democrática. No entanto, esse tipo de administração, aberta com a participação, o envolvimento do associado na vida da empresa pode mobilizar um imenso potencial que o administrador poderá transformar em resultados, pois terá um número enorme de pessoas vinculadas, envolvidas, sentindo a cooperativa (e os seus supermercados) como deles.

— Mas não é fácil conseguir a participação...

— Sim e neste aspecto existe uma diferença muito grande entre o cooperativismo rural e o urbano. Para o produtor rural, o único ponto de referência, às vezes, é a cooperativa. É ela quem serve de banco, indústria e comércio, ali ele vende, ali ele compra, vive, praticamente em torno dela. Nas cooperativas urbanas de consumo o associado encontra centenas de outras organizações, ele compra no supermercado, na livraria, etc., porque a propaganda consumista o transforma num teleguiado. Pior: as cooperativas nunca se preocuparam em educar o seu associado, em conscientizá-lo para o ato cooperativo. Elas quase sempre atuaram como meras casas comerciais, muitas vezes ineficientes e, portanto, perdendo na concorrência.

— Como a Cepal enfrenta esse problema?

— Essa é a nossa principal preocupação. Criamos um departamento de Comunicação e Educação Cooperativista que percorre universidades e escolas, divulgando a Cepal e os princípios do cooperativismo. Internamente, revitalizamos o Conselho de Representantes, que reúne 30 membros, incluindo representantes dos Diretórios Estudantis de Porto Alegre, professores, advogados, pais de estudantes e até empregadas domésticas. E, também, fazemos propaganda institucional através dos meios de comunicação.



Foto: Arquivo Coojornal

com as cooperativas de produtores, para trabalhar em conjunto.

— É possível, num meio capitalista, ter eficiência empresarial sem perder o conteúdo cooperativista?

— É. Em primeiro lugar não abrindo mão da gestão democrática, da participação, que é a grande riqueza inexplorada do cooperativismo. Em segundo lugar, dando ao cooperativismo um sentido ideológico de modo a demonstrar que ele é uma alternativa de organização onde o econômico e o social têm que se harmonizar; que ele é intrinsecamente democrático, igualitário, que coloca o homem em primeiro lugar e sua força decorre da soma do esforço de todos. Então, ele pode ser uma prova de que há uma alternativa mais humana ao capitalismo...

— Mas ele não acaba apenas preenchendo lacunas numa economia capitalista?

— Olha, no último seminário que tivemos (todas as lideranças cooperativistas do Rio Grande do Sul) em Canela, o presidente da Fecotriga, o Jarbas Pires Machado, disse na abertura uma coisa interessante. Ele disse que o cooperativismo sempre correu atrás do capitalismo, suprindo suas deficiências. Quando o sistema não deu dinheiro para a compra de máquinas, o cooperativismo comprou máquinas, quando o sistema não resolveu o problema do leite ou do porco, o cooperativismo resolveu e assim por diante. Mas agora, o cooperativismo está entrando numa nova etapa, sem empirismos ou casuismo e pressupondo uma nova relação com o sistema capitalista. O capitalismo cria obstáculos, mas o cooperativismo tem um potencial de poder enorme, que ele próprio desconhece. No Rio Grande do Sul existem 451 cooperativas, e isto é uma força grande, criada no meio de um capitalismo selvagem e voraz. Nosso trabalho é converter a mentalidade capitalista para uma mentalidade cooperativista.

Graças a este trabalho conseguimos em dois anos aumentar quase 45 mil associados e queremos chegar aos 300 mil até fins de 1984.

— Quais as vantagens que a cooperativa oferece?

— No nosso caso, oferecemos os preços mais baixos da cidade, principalmente de material didático e escolar, onde a diferença em relação ao comércio convencional chega a 30%, além de todo o relacionamento que é diferente, pois na Cepal o associado-consumidor é também dono, ele sabe que tudo que sobrar ali vai reverter em mais benefícios para ele mesmo.

— Há integração com outras cooperativas?

— Bem, estamos planejando um pool de cooperativas de consumo para aumentar os benefícios a todos os associados. Num primeiro momento estamos negociando com a Cooban (dos Bancários), a dos Servidores Públicos e a da Construção Civil. A idéia é abrir o cooperativismo de consumo, hoje fechado em grupos (bancários, estudantes, etc.), e a partir daí criar um novo modelo. Se der certo, vamos aprofundar a idéia e criar uma única cooperativa com três objetivos principais: implantar supermercados urbano, para atender amplamente à população, organizar o consumidor e buscar a integração

## LIVROS

Batismo de Fogo — Os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella, Frei Betto, Ed. Civilização Brasileira, 283 páginas. Rompendo o silêncio de 12 anos, o autor fala das relações entre a prisão dos dominicanos e a morte de Marighella, traçando um perfil do líder comunista. E conta a história de Frei Tito, torturado no Brasil, que suicidou-se na França, num livro surpreendente.

O Novo Socialismo Francês e a América Latina, Fernando Henrique Cardoso e Hélgio Trindade (organizadores), Paz e Terra, 185 páginas. Intelectuais brasileiros e franceses analisam o Governo Mitterrand e suas relações com a América Latina.

A Noite Misteriosa, Lêdo Ivo, Record, 147 páginas. Livro de poesias do escritor alagoano Lêdo Ivo, pretendente a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e autor do excelente romance Ninho de Cobras.

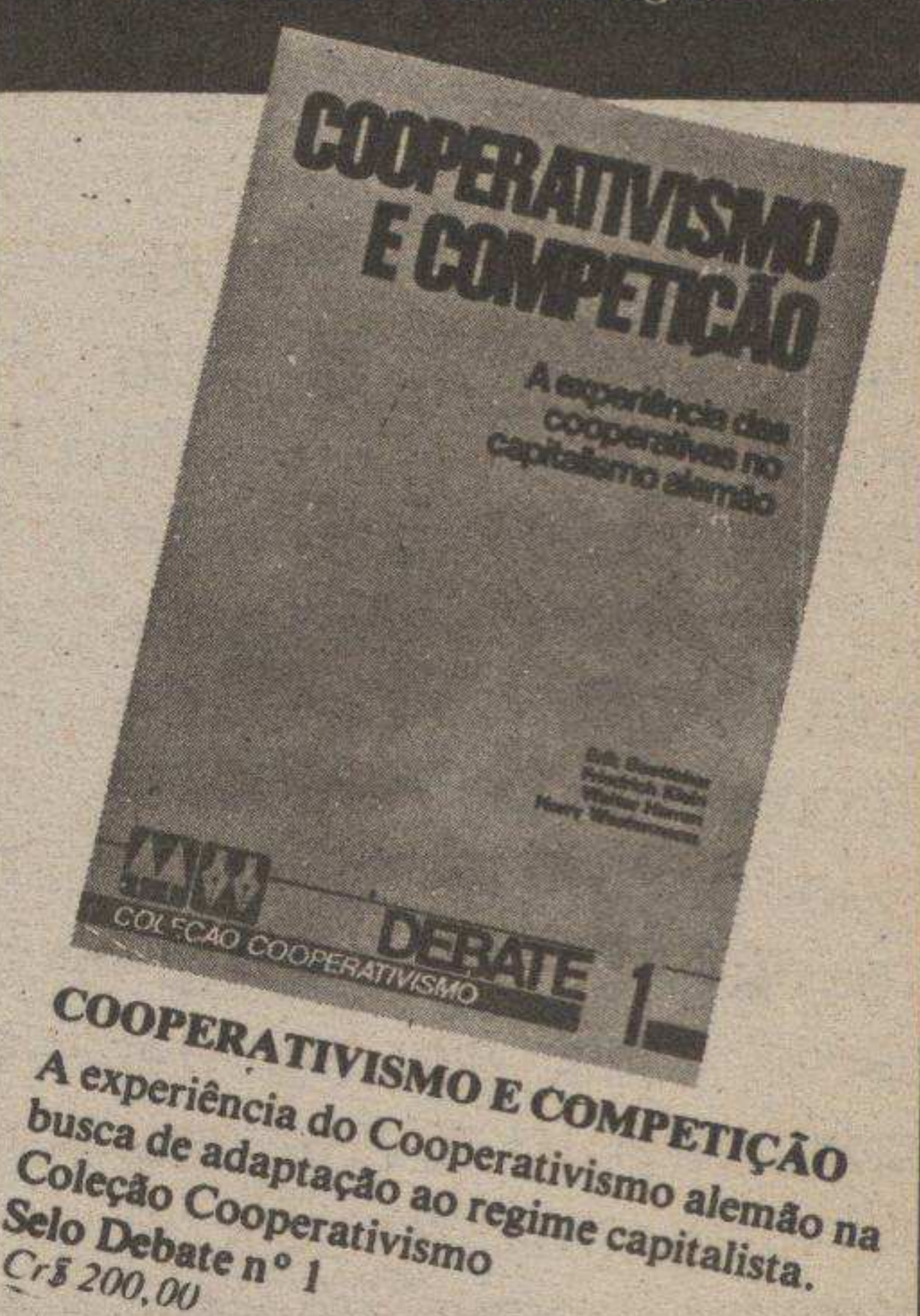
Voto e Máquina Política — Patronagem e Clientelismo no Rio de Janeiro, Eli Diniz, Paz e Terra, 228 páginas. Análise da trajetória do chaguismo, no Rio de Janeiro, em que a autora, a pesquisadora Eli Diniz, mostra como o MDB tornou-se um partido forte no Rio de Janeiro.



As inscrições para o Prêmio Casa de Las Americas, considerado o principal concurso literário da América Latina, estão abertas até o dia 30 de novembro. Podem participar autores latino-americanos ou do Caribe e ensaístas de qualquer país com obras sobre a América Latina. Para a edição 1983 do Prêmio, seus organizadores selecionarão romances, obras dramáticas, livros de testemunho, ensaios sobre temas artístico-literários e obras brasileiras. O vencedor de cada categoria receberá 300 dólares e terá a publicação do trabalho assegurada.

Quem quiser participar, deve mandar o livro (original e duas cópias) à Casa de Las Americas, 3ª e G, El Vedado, La Habana, Cuba, ou a qualquer embaixada cubana. Ou ainda a Case Postal 2, 3000, Berna 16, Suíça. Os jurados se reunirão em janeiro de 1983. Entre os nove vencedores do ano passado, está uma brasileira: Dinorath do Valle, que ganhou o Prêmio com a novela Pau Brasil.

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS



## ESPAÇO

ed. do instituto dos arquitetos do brasil  
annes dias, 166

## LIVROS & ARTES

livros de arquitetura, arte, fotografia, cinema, literatura

## BAR-RESTAURANTE

almoço, lanches, aperitivos e janta ao som de jazz e MPB



# Jogo limpo? Só o jogo do bicho...

"Eu estava em casa, sentado na privada, lendo o primeiro volume da História do Brasil, de Rocha Couto, quando recebi um telefonema dos amigos para que viesse para cá. Vim correndo para colocar algumas coisas. Em primeiro lugar, nós criamos a Sombrás, em 1975, e fomos ao ministro Ney Braga, da Educação e Cultura. Daí, ele tirou da gaveta o Conselho Nacional do Direito Autoral e o Projeto Pixinguinha.



Macalé: "É uma história caquética"

todos, que estes bandidos invadissem nosso país, tomassem nossa cultura e a recolocassem no nível mais baixo. Nós devemos tomar consciência disso agora ou nunca mais.

O maior exemplo disso que estou falando é a Socimbro, Sociedade de Intérpretes e Produtores Fonográficos do Brasil. Ora, os produtores fonográficos são as gravadoras, os intérpretes somos nós. Como é possível juntar duas classes, com

vontades e necessidades completamente distintas?

Quando assinamos aquela papeleta, que atualmente é proibida, cedendo os direitos conexos às gravadoras, simplesmente nosso dinheiro ficava com elas que aplicavam no "open e market" e nos pagavam com nosso próprio dinheiro a miséria que recebemos". (Depoimento de Jards Macalé na II Festa Nacional do Disco, em Canela)

Neste momento  
um homem está matando outro  
por alguma razão.  
Neste momento  
há um ódio mortal em certo gesto  
há uma brutalidade  
sendo cometida  
Neste momento  
há um ataque de fera  
sendo desfechado  
há um punhal na mão  
há um soco no rosto  
há um cuspe na cara  
há um chute na bunda  
há um grito de medo  
Neste momento há treva em algum lugar.

N. Camargo

# A ofensiva dos independentes

## Gritam contra a massificação comercial da nossa música

Os chamados "músicos independentes" (não ligados às gravadoras e aos esquemas comerciais) estão na ofensiva em todo o país. Nos três encontros realizados em abril e maio, eles estiveram presentes, firmando suas posições: na 3ª Reunião dos Pesquisadores de Música Popular Brasileira (de 15 a 17 de abril, em Curitiba), no seminário "Linguagens e Rumos da Canção Brasileira" (6 a 8 de maio, em Curitiba) e na II Festa Nacional do Disco (de 10 a 14 de maio, em Canela).

Na reunião dos pesquisadores, divulgaram um documento pedindo "todos os esforços possíveis no sentido de coibir a indevida apropriação de termos do folclore brasileiro por compositores que não fazem sequer referência à fonte dos seus trabalhos, assenhorando-se, assim, da produção coletiva em proveito próprio". Recomendou-se ainda "a criação de um Sistema Nacional de Cultura e, dentro deste, um subsistema específico para a Música, no qual se encontre a Música Popular Brasileira com seu próprio Centro de Documentação e Referência, ou seja, um Banco de Dados". E ainda: que haja "maior rigor no cumprimento da Lei que obriga a execução de músicas brasileiras nos veículos de comunicação" e que "seja dado apoio efetivo ao instrumentista (músico) brasileiro, de modo a regatá-lo da marginalização em que se encontra".

Entre as decisões tomadas no encontro de Curitiba, os artistas "chamam a atenção para as restrições de caráter preconceituoso sofridas nos meios de comunicação de massa por numerosas manifestações musicais representativas de criatividade popular brasileira" e alertam "para o perigo dos modismos im-

postos pelos interesses da indústria da música de massa, que esmagam as ricas culturas regionais e as manifestações julgadas não comerciais".

O documento de Curitiba também pede providências das autoridades brasileiras junto ao Governo Argentino para que seja esclarecido o desaparecimento do músico Tenório Júnior, naquele País, na segunda metade da década de 70. É mencionada ainda "a diminuição do espaço para debate sobre Música Popular Brasileira nos meios de comunicação e pedido o "apoio aos músicos independentes na sua luta contra o bloqueio determinado pela grande indústria".

Em Canela onde um dia foi dedicado ao trabalho dos músicos independentes, foi recomendada a "organização e realização a médio prazo de um encontro com total representatividade da classe dos artistas independentes; a formação de grupos específicos visando o estabelecimento de estudos que viabilizem cada vez mais a produção de discos independentes; a listagem objetiva dos problemas que afligem os artistas independentes e uma avaliação criteriosa dos mecanismos já colocados em prática e que tenham ou não apresentado resultados positivos". E com base neste trabalho, é recomendada a criação de uma entidade de classe que congregue os artistas independentes a nível nacional, principalmente para oferecer uma sólida estrutura para divulgação e venda de seus produtos.

**VAMOS LUTAR  
JUNTOS!  
PARA  
DEPUTADO  
FEDERAL  
OMAR FERRI**



ASSINE

## Um Jornal de Cinema e Televisão

Mande o cupom de assinatura e um cheque nominal para a Cooperativa Brasileira de Cinema Ltda., no valor de Cr\$ 1.000,00 e receba em casa por um ano LUZ & AÇÃO, Rua México, 31, 8º — CEP 20031 — Fone: 220-3362 — Rio de Janeiro—RJ

# LUZ & AÇÃO

Cupom de Assinatura

**LUZ & AÇÃO**

Nome:

End:

Bairro:

Cidade:

Estado:

Profissão

nº

CEP:



# Contradições animam a festa

**Todos os interesses que giram em torno da música brasileira foram reunidos em Canela**

Como explicar que um baile de debutantes se transforme num evento de força nacional, capaz de reunir os principais executivos, lojistas, empresários e alguns dos principais astros da MPB, como Erasmo Carlos, Moraes Moreira, Gonzaguinha, Ivan Lins, Elba Ramalho, Beth Carvalho, Luiz Ayrão, Sivuca, Zizi Possi, etc.? Foi o que aconteceu com a Festa Nacional do Disco, cuja II edição foi realizada em maio, no município gaúcho de Canela. A explicação torna-se mais difícil por não se tratar de um festival competitivo e o Rio Grande do Sul somente agora tomando assento no painel regionalista da MPB.

Mas é provável que a força da festa resida exatamente em seus aparentes pontos fracos. O Rio Grande do Sul é um terreno neutro, suficientemente distante da secular picuinha entre Rio e São Paulo pela supremacia da cultura. Da mesma maneira, um evento sediado por alguma entidade governamental poderia melindrar questões políticas ou se fosse organizado por gravadoras, certamente não seria permitida intervenção do compositor Macalé, chamando gravadores, lojas e arrecadadoras de "atravessadores".

Em suma, a própria imponência isolada e auto-suficiente do Hotel Laje de Pedra (5 estrelas), transformou o encontro numa espécie de território livre, onde as verdades são ditas sem a habitual hipocrisia dos corredores de emissoras e gravadoras. Este ano, a Festa do Disco reuniu 352 pessoas no hotel, equipado para 250 hóspedes. Desse, 138 eram artistas, que recebem passagem e hospedagem e se obrigam a apresenta-

rem-se no teatro e ginásio da cidade. Os Cr\$ 30 milhões gastos na promoção — "sem fins lucrativos", segundo seu produtor, Fernando Vieira — saem do patrocínio dos espetáculos, vendidos a emissoras de TV (cadeia Record-Silvio Santos) e entre anunciantes como Antarctica, Kolynos e Arno. Esse respaldo financeiro de empresas desligadas do "show bizz", permitem a convivência de contradições como estas:

1) Um congresso de artistas independentes, que resolveram fundar uma associação de classe e, ao mesmo tempo, uma reunião dos principais executivos do disco, como João Araújo, da Som Livre, presidente da Associação dos Produtores de Disco, André Midani, da WEA, Rolf Dillman, da Odeon, Adiel de Carvalho, da Copacabana, entre outros, onde se debateu a "irrealidade de conceder lvas aos artistas, inflacionando mercado".

2) Uma reunião a portas fechadas, dos produtores para "lavar roupa suja". Eles

decidiram criar sua entidade, com nomes famosos como Mazola e Roberto Menescal, reclamando um teto de Cr\$ 200 mil mais percentagem de 2 e 4% nas vendas. Ao lado, letristas como Abel Silva, Fausto Nilo e Hermínio Bello de Carvalho resolveram unir-se para munir a cantora Nora Nei de um repertório inédito, uma raridade, quando os compositores querem gravar suas próprias músicas.

3) Todos os artistas presentes resolvem demolir o monopólio das sociedades arrecadadoras, filiando-se à recém-criada Amar — Associação dos Músicos, Arranjadores e Regentes, que já conta com 56 dos nomes mais expressivos da MPB. O segundo passo da Amar pode ser uma revogação do apoio selado à revelia entre entidades arrecadadoras e emissoras de rádio e TV, baixando de 3,5% para 2,5% o pagamento do direito autoral devido por estas empresas.

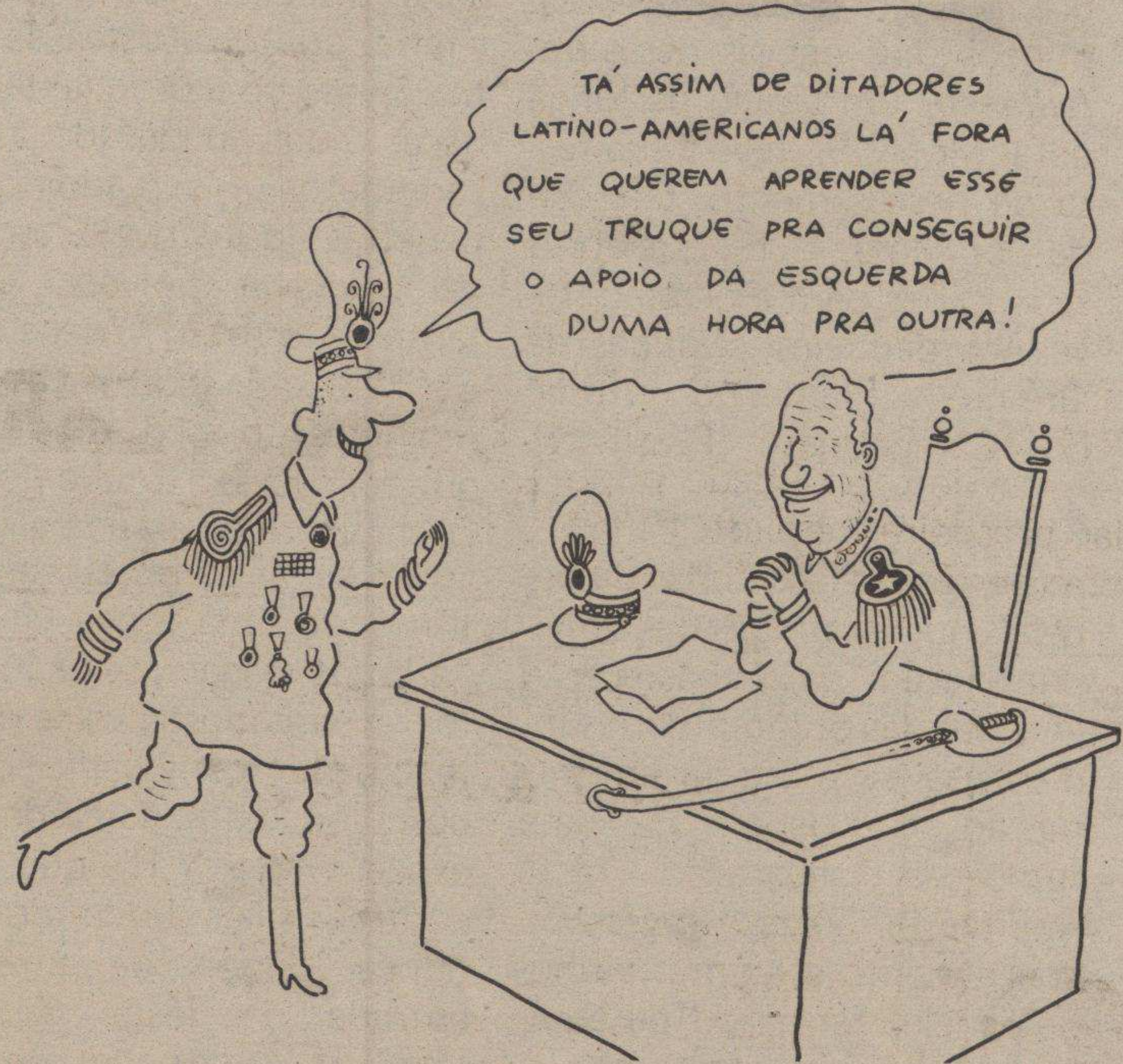
Ausências sentidas, apenas a do presidente da gravadora CBS, Tomaz Munhoz,

que no ano passado roubou a Festa culpando a falta de criatividade dos artistas pela crise do disco, e a do presidente do ECAD, o compositor Adelino Moreira, responsável pela tal diminuição da percentagem dos direitos autorais.

Musicalmente, o festival não representa muito, em seus shows oficiais. Mas as barreiras estéticas costumam ceder nas altas madrugadas etílicas do barzinho do hotel. De repente, Gonzaguinha descobre que há algo para ouvir no cearense Marcelo Reis, que vendeu 159 mil compactos com uma música que resolve "botar a placa de venda na casa que a mulher abandonou". Em recíproca, Marcelo constata, ouvindo os boleros de Gonzaguinha, que não é necessário ser tão banal e rasteiro para fazer sucesso. Aí talvez resida um mérito adicional da Festa: introduzir um pouco de molejo dialético numa área cultural compartimentada por maniqueísmos.

Tárik de Souza

**AS INCRÍVEIS AVENTURAS DE FORTUNATO FANTARRÃO**  
(O LIBERTADOR DE PINGÜINS)





MOSTRA-ME TEU  
LIXO E TE  
DIREI QUEM ÉS...

edgar varques

É COMO DIZ  
O DITADO:  
O ENTULHO  
É O HOMEM!

